LISBOA — QUARTA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 18 — 10 CENTAVOS

Telefone 5213 (C.) — Endereço telegrafico DIBOA

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção e Administração
RUA DO CARMO, 90, 2.º
Composição: R. do Mundo, 57. Impressão: R. da Atalaia, 114

AS OBRAS do Rocio arrastam-se, alongam-se como a preguiça nacional de que são uma das mais recentes ilustrações.

As pessoas que acreditam ingenuamente que Lisboa é uma cidade de marmore e granito podem lá perder esta crença, despenhando-se para dentro de muitos buracos que espreitam o incauto caminhante.

Não haveria meio de terminar de vez com tais obras que parecem eternizar-se de proposito, para nos convencerem que a Camara não tem a coragem bastante para fazer desaparecer os vestigios dum delito cometido contra o bom gosto?

* * *

O INTERCAMBIO universitario exige que professores nossos, como representantes da ciencia e da arte portuguesas, vão ás universidades francesas falar da nossa cultura. Se é muito interessante ouvir os mestres estrangeiros, porque razão não hão de os nacionais entregar-se á propaganda do espirito luzitano?

* * *

TORNA-SE sempre embaraçosa a escolha de governadores para as nossas colonias, não por abundancia de competencias, mas pelo enorme concurso de ambições.

Os meses passam-se, ás vezes mesmo os anos, sem que se façam as necessarias nomeações. Daqui resulta que as nossas colonias frequentemente oferecem o aspecto daquelas grandes casas nobres que, na ausencia demorada dos senhores, os servos convertiam em regalo das suas cubiças e invejas.

* * *

ATÉ ha quem se queixe de que o sr. Presidente do Ministerio faz promessas a muita gente, raramente as cumprindo. Isto só prova que o numero dos descontentes cresce, mas sem motivo apreciavel.

O sr. Presidente do Ministerio, de cuja cordealidade é victima o seu chapeu, não promete realidades, porque só faz presentes de saborosas palavrinhas.

Os amadiosos é que não apreciam os rebuçados que ele lhes oferece. Ingratos!

* * *

A GREVE academica complica-se, estando os estudantes dispostos a resistir como leões. A formula apresentada pelo sr. ministro da instrução não os satisfez. Dizem-nos de Coimbra que até os gatos, altas horas da noite, miam nas torres. Os rapazes são levados do diabo: já conseguiram que a lua, nos intermundios, se ria como uma doida, ao presencear tamanha folia.

* * *

A ALMA portuguesa, futil por vezes, de onde a onde inconstante, mas sempre piedosa e nobre, revolta-se presentemente contra a dificil situação dos mutilados—sublimes excerptos do livro sangue e oiro da grande guerra.

Os mais abastados e os mais modestos envolvem num amplexo comovente de solidariedade os que na Flandres demonstraram que a nossa raça possue tanto de coragem como de generosidade.

Todos desejam oferecer-lhes uma quota parte de beneficios, como pagamento duma divida que não como uma esmola.

Que tão alevantadas intenções perdurem. Que elas se não esfumem tão depressa no coração do Povo, como adormeceram no espirito do Estado!

Portugal na guerra

O ilustre poeta Afonso Lopes Vieira sente como poucos portugueses as maguas de Portugal, consagrando-lhe as notas mais puras do seu lirismo em que as saudades da raça aparecem em vitrais.

A sua musa vela como um arcanjo junto das nossas *memorias* de sonho e grandeza. Quem o lê distancia-se do Efemero para escutar as vozes eternas do nosso passado heroico, religioso e amoroso.

Mas Afonso Lopes Vieira nem sempre evoca as maravilhas do nosso romanceiro, do nosso lendario ou da nossa epopeia: como homem do nosso tempo deixa a torre de marfim da sua arte de finos lavores e mistura-se com os seus contemporaneos para discutir, lutar e guerrear.

A sua humanidade de poeta enrija-se em gestos de polemista.

Claro está, a sua palavra é sempre bela, cheia de nobreza, embora os seus argumentos, as suas afirmações, as suas hipoteses, os seus metodos de raciocinio não colham o assentimento de todos.

As paixões têm a sua eloquencia, mas esta, apezar de sincera, pode não traduzir perfeitamente a limpidez da Verdade.

Assim, nas declarações que o *Diario de Lisboa* ontem publicou sobre o estranho caso dos mutilados, Afonso Lopes Vieira não tem duvida em dizer que os nossos soldados foram enviados para França, a fim de se dar satisfação a *interesses politicos*.

O autor destas linhas, inspirando-se simplesmente em razões patrioticas, foi constantemente um defensor modesto, mas incançavel da nossa intervenção na guerra, qualquer que fosse o teatro de operações.

Se a Inglaterra solicitou ou não o nosso concurso isso pouco nos interessa, visto que entendemos—e fomos dos primeiros jornalistas a explicar-nos assim—que Portugal podia e devia orientar a sua politica em tal assunto, com plena liberdade, desde que a letra e o espirito dos tratados a tal se não opozessem. Afonso Lopes Vieira gosta que o apreciem na verdade e na expressão emotiva do seu pensamento, não tolerando alterações nem deformações.

A sua fé não se conforma que a adulterem,

Sendo assim, é mais que certo que ele, quando fala dos outros, procede com a mesma elementar justiça que exige para si.

Como é que Afonso Lopes Vieira ousa afirmar que os *interesses politicos* intervieram eficazmente no envió das nossas tropas para a França?

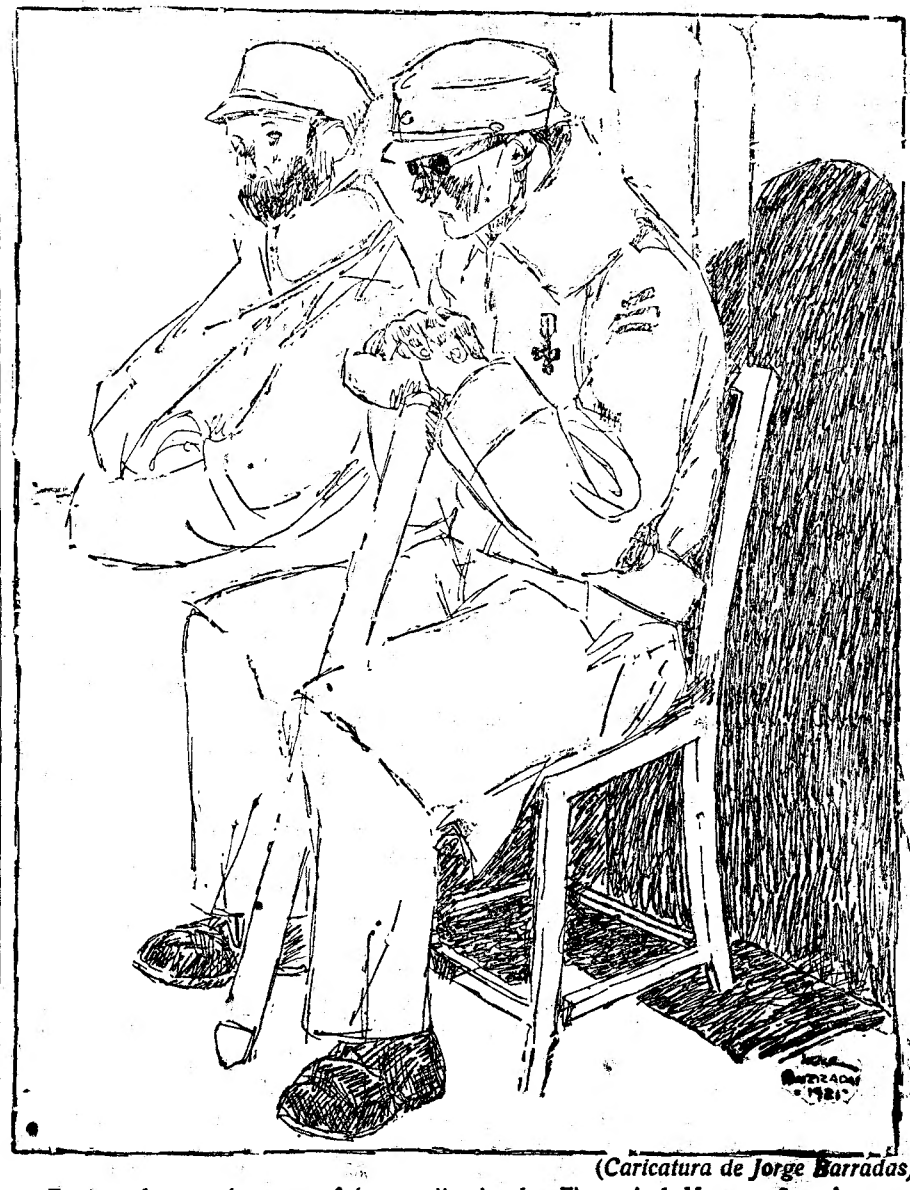
Tem provas decisivas? Que sentido liga á expressão *interesses politicos?* Tem conhecimento de qualquer conjura macabra que nos arrastasse aos campos desolados da Flandres?

Nós cremos firmemente que não foi um baixo espirito calculista que nos levou á guerra, mas sim uma necessidade nacional bem entendida e servida. E tambem sabemos que terriveis intrigas e maquinações prejudicaram este rude esforço, ceifando-lhe parte da sua beleza.

Muito pensaram e sofreram os nossos soldados, por culpas e desleixos de varia ordem.

Mas é muito dificil, senão impossivel, apontar um responsavel, pois que as más vontades somaram-se em numero tamanho que ninguem se achará criminoso, apezar de haver um ou muitos crimes.

ENTRE MUTILADOS



(Caricatura de Jorge Barradas)

E respondem que temos um futuro muito risonho. E' possivel. Mas eu não vejo...

AFIRMANDO no Parlamento que a situação dos mutilados não é tão precaria como muita gente pensa, o sr. ministro da guerra terminou o seu discurso com o seguinte argumento fulminador:

—Nenhum mutilado recebe menos de quarenta escudos mensais!

Concordemos em que não ha, positivamente, razão de queixa.

Porque motivo não compram automovel os pobres mutilados?...

* * *

A GUINÉ é rica, absolutamente rica, disse o sr. ministro das colonias. depois de muitissimas pessoas o terem já descoberto... O que é preciso—acresccentou s. ex.ª—é escolher para seu governador um homem honesto, inteligente, trabalhador e dedicado...

Aplaudimos o sr. Paiva Gomes. Simplesmente se nos afigura tarefa espinhosa encontrar uma criatura com tantos defeitos...

* * *

A DEFESA, que o sr. ministro dos estrangeiros ontem produziu na Camara, pondo o sr. Duarte Leite acima de certas acusações, foi considerada brilhante. No entanto, o sr. Duarte Leite tambem carecia de fazer alguma coisa em seu favor.

* * *

O GOVERNO não tem tempo para mais do que prevenir-se contra conspirações.

São quasi diarias as noticias ácerca de manejos subterraneos contra a vida do governo ou contra a do regime.

* * *

OS populares trabalham activamente, e com proveito, para se constituirem em partido forte. Contam com a adesão de elementos democraticos.

* * *

O MANIFESTO—*Rompendo o fogo*, que os quintanistas de Medicina acabam de espalhar por todo o país, é um documento que merece leitura atenta, porque as palavras nele valem um estilo, ou seja uma maneira firme de pensar.

* * *

DIZEM-NOS que, em todos os países, se tomaram a respeito dos mutilados medidas congéneres da que constada ordem n.º 103.

Afigura-se-nos que o sr. ministro da guerra devia primeiramente esclarecer o público sobre o que projectava fazer, tendo ainda por cima a prudencia de aguardar que o Parlamento aprovasse o projecto que virá regular a sua situação.

* * *

VÃO unir-se as direitas num bloco solido? Tudo depende de encontrar-se o homem que presida ao governo que suceda ao actual.

* * *

Devido a incomodo de saude, os srs. ministros das Colonias e da Instrução não foram a Coimbra assistir á comemoração do centenario da morte do navegador português Fernão de Magalhães.

* * *

O BRASIL veria com entusiasmo a visita do sr. Presidente da Republica. Não exageramos dizendo que tal facto resultaria decisivo para que as relações luzo-brazileiras se tornassem plenamente cordiais

A grève dos estudantes de Coimbra

Um manifesto do V ano medico

COIMBRA, 27.—O curso do V ano medico mandou hoje distribuir um manifesto intitulado «Rompendo fogo», o qual insere varias afirmações do reitor da Universidade desfavoraveis para o sr. dr. Angelo da Fonseca, e acusam êste professor de trabalhar para a extinção da Faculdade de Medicina de Coimbra em 1910.

O conflito vai-se complicando, pois os academicos terminam por afirmar que mais do que nunca se mantêm irredutivelmente incompativel com o sr. dr. Angelo da Fonseca.

* * *

Um grupo de operarios fez distribuir um manifesto lamentando o conflito academico e prestando homenagem ás qualidades scientificas do sr. dr. Angelo.

Este manifesto termina assim:

«O referido grupo, prestando tambem homenagem á brilhante Academia de Coimbra, espera ver solucionado o conflito com honra para si, e para o ilustre cirurgião que tantos e distintos serviços têm prestado no hospital e fora dele».

CHEGOU NOVO STOCK
—=DE=—
CHAMPAUBRIS
S. Micquot
Grand vin mousseux
UNICO DEPOSITARIO
A. Pereira Nunes
P. dos Restauradores, 13
TELEFONE
C. 3:300

Imprensa Libanio da Silva
Sucessores Sousa & Gomes, Ltd.
24, Travessa do Fala Só, 24
Telefone 2110 C.
Trabalhos tipograficos em todos os generos. Encadernações.

UM ENCONTRO AGRADAVEL

Os conselhos de Maria Clara

Janelas com e sem cortinas — O :: difícil problema de iluminação ::

Depois do chão arranjado, brilhante e polido como um espelho, chegou a vez de pensarmos nas cortinas das janelas. Os caixilhos das vidraças pintados simplesmente de branco, pediam umas cortinas claras, despretenciosas, que elogiassem a casa. As janelas sem cortinas, dão um ar de desmaselo á fachada do predio, e não ha ninguem que não sinta uma enorme impressão de desconforto ao ver nús os vidros das janelas.

Pensámos um momento. Hesitámos entre cortinas de cassa branca, guarnecidas apenas com um pequenino folho, e outras cortinas tambem de cassa com aplicações de chita enramada. Mas passado o primeiro momento de indecisão, optámos pelas de cassa, mais simples, mais elegres e mais economicas.

E' detestavel e de muito mau gosto o aspecto de uma casa em que cada janela tem uma aparencia diferente. Sob este ponto de vista, deve procurar-se a maior uniformidade possivel. Levámos um dia inteiro, eu e a Gertrudes, a tratar das cortinas. Mas quando á tarde o Carlos chegou, tive o prazer de ver que ele começava realmente a achar encantador o nosso ninho. Paredes, chão, janelas, já nós tinhamos... Mas—Santo Deus! — faltava ainda tanta coisa! A escolha dos moveis indispensaveis afligia-me muito, pois a verdade é que o nosso peculio não podia ser mais diminuto. Mas ambos tinhamos 20 anos, e nesta idade, quando o amor aquece as almas, não ha desgraça, não ha contrariedade, não ha dificuldades que não se encarem sorrindo.

Faltava ainda resolver um problema importante antes da compra da mobilia: o problema da iluminação.

Electricidade, nem pensar nisso... Onde iriamos nós parar! Modestamente, resignadamente, resolvemo-nos pelo petroleo... Que remedio, senão privar-nos de certas comodidades... De resto eu não gosto muito da luz electrica. Acho-a clara de mais, brilhante de mais. Se eu fosse rica quereria antes iluminar a minha casa toda a velas. Não ha luz mais bonita, nem mais propicia a todos os tons de pele. Mas nós tinhamos que nos contentar com o petroleo... Escolhi candieiros rasoaveis, não muito caros. Os candieiros, por causa da concorrencia da electricidade, baixaram de preço. Depois, á força de paciencia, consegui arranjar-lhes «abats-jours» grandes, bonitos, no tom da loiça do deposito... Para completar a iluminação, puz á entrada da casa uma grande lanterna antiga que encontrei num ferro-velho do mercado de S. Bento; e, pelo corredor adeante, pequenas lanternas de lata iluminadas a azeite. Um candieiro de azeite de tres bicos, iluminaria mais tarde a meza de trabalho de Carlos...

Começou então para nós o grande trabalho de descobrir mobilia que fosse bonita e barata. Neste tempo parece um impossivel, não é verdade? Mas nós que para principio não achavamos indispensavel mobilia rica de bons estofos e boas madeiras, conseguimos facilmente o nosso fim.

A nossa casa tinha 6 divisões, além da casa de banho.

Começámos pelo escritorio do Carlos. Em vez de secretaria, uma grande meza de pinho pintada de preto e encerada, daquelas que teem os pés afastados, como as mezas das celas dos velhos conventos; 6 cadeiras pretas e enceradas, das chamadas —perdôe-me o termo pouco aristocratico —«de rabo de bacalhau»; uma biblioteca da mesma madeira, feita pelo carpinteiro da esquina, que me levou 35$00 por ela. Esta biblioteca foi muito admirada por todos. Tem cerca de dois metros de comprido. A parte superior é formada por tres prateleiras largas, onde cabem inumeros volumes. A parte media forma ao centro um arco com pequenas prateleiras tambem, onde se podem pôr jarras, ou «bibelots» de toda a especie. Dos lados e até baixo, mais prateleiras onde se arrumam os livros mais pequenos.

Mas para que o Carlos tivesse no seu escritorio todas as comodidades, quiz fazer-lhe a surpreza de um sofá ou de uma «chaise-longue», onde ele pudesse descansar ou ler nas horas de folga.

Mas bem depressa tive de reconhecer que esta ideia apresentava, na sua realização, inumeras dificuldades.

Porém, não desisti. E muito breve, nesta mesma secção, direi ás minhas leitoras como consegui que o Carlos tivesse a sua «chaise-longue», sem dispender muito dinheiro e apenas alguma imaginação.

Os nossos protegidos

Do Banco Nacional Português, Banco Nacional Agricola, Companhia de Seguros Luso-Brasileira, Sagres, Pinto & Sotto Maior e Sociedade Portuguesa de Administrações e União Electrico Portuguesa, recebemos ha dias duzentos escudos para distribuir pelos pobres nossos protegidos. Damos a seguir a lista dos contemplados:

Maria José da Piedade, 2$50; Adelaide Maria da Silva, 5$00; Silvina de Jesus, 2$50; Guilhermina Amelia, 2$50; Emilia da Conceição, 2$50; Adelina Soares, 5$00; Maria Ascenção, 5$00; Felicia Augusta de Sousa, 2$50; José Maria Alves, 2$50; Diela da Conceição, 2$50; Leopoldina Nunes, 5$00; Veronica da Conceição, 2$50; Palmira da Silva, 2$0; Antonio Maria, 2$50; Maria da Conceição Santos, 5$00; Maria da Ascenção Patricio Fernandes, 2$50; Maria da Piedade, 2$50; Maria Rosa, 2$50; Emilia Rosa, 5$00; Maria Ferreira, 2$50; Dorotéa das Denominações, 2$50; Leocadia Maria, 5$00; Alexandrina Mota, 2$50; Joaquim Patricio Dias, 2$50; Tereza Ferreira, 2$50; Maria Joana Figueiredo, 5$00; Conceição Lemos, 2$50; Joaquina Miranda, 5$00; José Brás, 2$50; Ana Bento, 1$50; Maria Emilia, 1$00; Maria da Conceição Alves, 1$00; Francelina Silva, 1$00; Vicencia Rosa, 1$00; Maria Figueiredo, 1$00; Anibal Vieira, $50; Palmira Rosa, 2$50; Maria Rodrigues, 5$00; Maria Luisa dos Santos, 2$50; Felicidade Emilia, 2$50; Estefania da Assunção Duarte, 2$50; Julia Dias Martins, 5$00; Fabilia dos Santos, 5$00; Ana Rodrigues, 5$00; Amelia Salazar, 2$50; Carolina Maria, 2$50; Gertrudes da Conceição, 5$00; Ana da Silva, 5$00; Taurina da Conceição, 5$00; Guilhermina Baptista, 2$50; Felismina de Jesus Costa, 2$50; Aurora da Conceição, 2$50; Felicia Augusta de Sousa, 2$50; Maria Candida Ferreira, 2$50; Maria José Silva, 2$50; Carlota Henriques, 2$50; Maria Alves, $50; Emilia Rosa Maria, 5$00; Palmira da Conceição 5$00; Emilia Godinho, 5$00; Maria Joana, 5$00; Paula Fernandes, 5$00; Guilherme da Rocha, 5$00. Total 200$00.

Tabacaria Barbosa
Novidades literarias nacionaes e estrangeiras
Jornaes e publicações ilustradas
Telefone 2926-C.
Rua do Carmo, 67

Livraria PORTUGALIA Editora
Gabinete de Leitura
Portuguesa
Francesa e Hespanhola
9.000 obras dos melhores autores
Completa variedade de ROMANCES
Poesia — Historia — Filosofia — Arte — Finanças, etc., etc.
Mensalidade 1$20
Catalogos 1$50
75 — Rua do Carmo — 75

N.º 11 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 27-4-921

A' BUSCA DA BOA SORTE

Novela por Aquilino Ribeiro

VII

—Amigo, as molas secretas da vida têm, para não ir mais longe, desde Hipocrates até hoje, escapado ás pesquizas da sciencia. O homem é uma maquina de viver. Eu chego, forço a corda... quebro-a e pronto. Até essa hora, o *recife* justifica-se sempre *post hoc, ergo propter hoc*, se não acontece antecipar a minha visita... Mas vamos adeante, trago-te o folar...

—Recuso-o.

—...armas invenciveis para a luta.

—A panacêa de Paracelso...?

—Escuta: és medico, e no exercicio da tua profissão, tudo é obscuro. Não digas que não. A indole e as causas primarias das enfermidades são indevassaveis; a natureza das substancias empregadas como remedios é um enigma; a maneira como actuam sobre o organismo enigma ainda maior; os axiomas de diagnostico e de prognostico fornecidos pela experiencia mais duvidosos que o proprio efeito dos reagentes. Ainda e sempre ainda a determinante principal da cura está no jogo de essa força intrinseca, medicadosa *ab se* que, por um trabalho surdo e constante, tende a restabelecer a ordem nos seres animados. Pois bem, eu venho oferecer-te a faculdade de, passando por cima desse nevoeiro, dispensando todo esse arsenal confuso de noções e de hipoteses, categoricamente possas emitir á vista dum doente, tão rapido como o diabo esfrega um olho, a infalivel certeza de «salva-se!» «não escapa!»

—Dispõe de algum dom do Espirito Santo?

—Não zombes. Teu pai conquistou-me, inexoravel como sou, porque o seu coração era simples e nunca soube duvidar nem escarnecer. Correu as sete partidas á busca de pessoa capaz, que te apadrinhasse na pia do baptismo e te protegesse na vida. Topou-se com Deus e o Diabo e rejeitou-os por não lhes encontrar as condições de bondade e de justiça de que a sua alma era zelosa. Encontrou-se comigo e o pobre soube dobrar a minha repugnancia em condoer-me dos homens, porque além da sua ambição ser legitima, eu vivia em sua consciencia pura e rehabilitada. Se agora aqui me vês, é em cumprimento do pacto que assinámos juntos. Depois disto, dir-me-has se queres ou não queres receber a minha dadiva de madrinha.

—O tal condão que me permite de afirmar «escapa!» «leva-o o Diabo!»? E como é isso?

—Eu te digo: pudesse eu dar-te o poder de sarar que tinha Cristo, que tinham os Apostolos, que tinha Apolonio de Thiana, dava-to. Para a tua carreira, senão mais util, era mais interessante, bem o sei. Permite que te não ofereça o que não possuo. Mas considera: não sou eu a unica que vai a toda a parte, sem pedir licença, nem bater á porta? Invisivel á vista, intrespassavel ao ferro? Pois bem, onde quer que tu tenhas de ir, no exercicio da tua profissão, eu lá estarei. Eu lá estarei, descortinavel apenas pelos teus olhos. Se me vires á cabeceira do enfermo, conclue que o enfermo não vai dessa; pelo contrario, se eu estiver aos pés, deixa-o comigo e que trate da alma que o corpo é da terra.

—Recuso, recuso!

—Em nome de quê, meu ilustre afilhado?

—Em nome da minha sciencia que passaria a ser uma mentira. Meu pai, que não sabe ler nem escrever, seria tão competente como eu!

—E' verdade; mas a vossa sciencia não será uma presunção? E a certeza não é um alto beneficio?

—Que me valeu estudar, que me vale receitar, se me não resta a esperança? Não; quero ignorar, quero desconhecer a solução biologica do meu semelhante, prostrado no leito da dôr para que o meu pulso se não torne em instrumento exclusivo de charlatanaria.

—Pouco ganhas tu, pouco ganha o mundo com esse desprendimento, engendrado no orgulho.

—Deixá-lo. Uma alma sem duvidas seria um deserto monstruoso.

—Moço, estou com pressa. O trafico é grande, tenho já que celfar á lufa lufa pelo tempo que aqui perdi. Dou-te cinco, seis meses para te pronunciares. Não dirás já agora que sou tirana. Adeus!

E dissolveu-se na penumbra, misteriosa como aparecera, a irrefragavel princeza a Morte.

(Continua).

ARTE & LETRAS

DE MANHÃ ATÉ Á NOITE...

O dia de uma mulher elegante

"M.elle Tudo-Nada" concede-nos uma entrevista encantadora

O QUE COME, O QUE VESTE E O QUE FAZ

—Muito obrigado pelas suas flores... Como se lembrou...

—Ah! nós, as mulheres, que fazemos da arte de ser mulher a nossa maior arte, devemo-nos não lembrar de tudo.

—Mas o seu tudo—é nada...

—Sim, talvez. Mas sabe lá o trabalho que é preciso para a gente se não esquecer de nada...

—Dá então muito trabalho a ser elegante?

—Oh! se dá. Veja: nem tempo tenho para comer...

O certo era que *M.lle Tudo-Nada*, amoixada num *mapie* vermelho que lhe maquilhava os braços dum reflexo côr de rosa,—comia, diante de nós comia? Não é bem: debicava... Os seus lábios pequenos e exigentes tocavam nos acepipes, para os abandonar imediatamente. A boca de M.lle Tudo-Nada, é exigente, é inconstante, como ela.

—A vida deve viver-se assim: provando, apenas. E vivo assim. Amigas, amigos, arte, emoções—tudo apenas provado. A vida é um mostruario de amostras. Nunca mando vir a encomenda...

—Sinto-me amostra. No entanto foi você que me chamou.

—Não. Você—é uma amostra de encomenda...

M.lle Tudo-Nada via, sorria maliciosamente um sorriso, um tudo nada vincado—eu já sei—é a sua gargalhada...

—Conte-me o seu dia. Queria saber como você vive, os seus hábitos...

—Mau! Você está perdendo a sua unica qualidade: não ser curioso. Está a ir alem do tudo-nada da minha vida que eu lhe distribuí...

—Perdão. Eu peço-lhe só o seu horario e o seu itinerario... oficial. E' um simples interesse literario, um tirocinio para Julio Dantas. Pode saltar ruas, e passar horas em claro...

—Não passo horas em claro. Durmo bem. Mas, pelo visto, então tenho a honra de falar neste momento, ao jornalista?

—Tal qual. Solicito-lhe uma entrevista... jornalistica...

—Que pavor, meu Deus. Os jornalistas são todos assim?

Quando menos se espera, zás! falam em letra-redonda...

Não sei quando você fala verdade, ou quando faz cronica.

—A cronica em mim, é já cronica... Até esta tosse horrivel...

—O que é?

—Uma bronquite... cronica...

—Você está insuportavel com os *catembourgs*.

—A culpa é sua. Despache o jornalista, que, depois, tem livre o amigo.

—Amigo!... Para você essa palavra é apenas um substantivo...

—De que você é o verbo...

—... transitivo?

—No infinito...

—Olhe a sintaxe.

—Com mulheres gosto imenso de dar assim de gramatica.

—Mesmo com falta de concordancia?

—Eu concordo sempre com as mulheres. Mas, por amor de Deus, vamos á entrevista. Diga, vá... De manhã...

—Caspité! Jornalista até á ultima. Sabe que estava a tomar a sua gramatica a sério...

—Mas é uma coisa muito séria. Ora diga...

—Olhe. Deito-me tarde, sempre tarde, duas, tres horas da manhã, um *tudo-nada* fatigada.

—E dorme, e sonha...

—Durmo e sonho... com o dia seguinte. De manhã, meu caro amigo, depois do banho tépido e perfumado, e da fricção com agua de Colonia vem a *massagista*, que me *massa* imenso.

—... a massagista—cá está; depois?

—Depois vem o *manicure* e *pedicure*...

—... *pedicure manicure*...

—Inverta a ordem. Não meta os pés pelas mãos... Ah! Eu agora no banho deito umas gotas azues que uma amiga me mandou e que dão um tom muito bonito á pele. Já reparou?

Mademoiselle Tudo-Nada mostra-me os ombros.

—Não vejo senão o azul das veias. Quem olha é que se vê azul...

—E' um tom muito fino.

—A cabeleireira é a ultima massadora. Dá voltas fantasticas á minha pobre cabeça; a minha cabeleira toma as formas mais caprichosas, como o fumo do cigarro. E o certo é que fico com a cabeça a arder. Eu penteio-me conforme a moda, é claro. Mas tambem conforme as minhas disposições. Quando estou alegre, gosto dele muito enxuto, ondeado, alegre. Quando estou triste quero-o simples, concentrado. Quando tenho tenções sérias, graves, mando abrir uma risca muito direita. Parece-me que influi nas ideias. Quando resolvo ficar em casa, ponho a risca ao meio. Quando me sinto feminista, é ao lado...

—E segue sempre as suas tenções... á risca?

—A's vezes tenho que mudar de penteado.

—Depois da cabeleireira?

—Depois, descanso. Descanso disto tudo. Visto o roupão,—olhe, hoje foi aquele de rendas á Chantilly e leio. Os livros deviam ter todos sumario, para evitar a massada de os ler. A leitura abre-me o apetite...

—...de escrever?

—Não. De comer. Vou almoçar. Pouco-chinho, porque não quero engordar. Uma amiga minha indicou-me um prato muito bonito... Sabe o que é? Petalas cristalizadas. Nunca experimentou?

—Flôres? Já o fazia a Madona do Campo Santo, mas era ao natural. Eu já tenho comido... couve-flôr...

—Ah! é muito chic, petalas...

—Deve ter o estomago em flôr. Depois dêsse almoço florido?

—Faço a toilette restante. Um tom vermelho nos labios.

—Para quê? Já os tem tão vermelhos...

—Ah! não era *chic*...

—Continue.

—Um tom rosa na face, um pontinho na face direita, visto um *tailleur* simples (essas senhoras que saem para a rua em traje de baile são detestaveis) e vou fazer umas visitas. Vou saber novidades, fazer um pouco de *potin*, saber do ultimo escandalo...

—Qual é o ultimo, o de ontem, por exemplo?

—O de ontem? Não houve. Espere al. Devia haver. Ah! Imagine que a embaxatriz convidou o *O'* e a esposa e não convidou o *H*, você sabe: o *H*, an? Onde vai o *O'* tem que ir o *H*, convidam-se os dois, não é?

—Claro. O H2, é a formula daquele lar a tres...

—Ela esteve aborrecidissima e a embaixatriz, coitada, não se fartava de lamentar a *gaffe*...

«Depois das visitas, vou até ao *Trianon*, ás vezes. E' ali que eu encontro alguns rapazes, que me põem a par das restantes novidades. Tomo o chá, uns bolos, mas poucos, porque o doce engorda. Eu agora gosto muito de *bábás*, gosta?

—Talvez. Mas não conheço pelo nome.

—Um dôce fofo, muito bonito...

—Talvez tivesse comido. Mas não ligo ao nome á pessoa, perdão, ao pastel...

—Vou depois ver as modas, ao Martim ou ao Gandon e vou jantar. Temos quasi sempre gente, á mesa. Duas ou três amigas e então é que eu fico a saber tudo, que ha em Lisboa...

—Sabe a como está o cambio?

—Isso não. Eu sei apenas, o tudo... nada. Depois de jantar, faço a *toilette* e vou a uma *première*, se houver uma casa de alguma amiga que receba nessa noite. Tenho agora um vestido decotado, que seria um escandalo—se não mostrasse os braços todos e o seio—olhe—até aqui. E' um encanto.

A's 2, 3 horas recolho a casa, com um *rendez-vous* marcado para o dia seguinte, um *rendez-vous* de olhares. E eis tudo...

—...Que é nada...

M.lle Tudo-Nada estendida no *maple*, de olhos semi-cerrados, meditava ou procurava lembrar-se de alguma coisa mais.

O sol claro da tarde arrancava sinfonias doces ao branco o oiro do *boudoir* de *M.lle* e á seda perolas das paredes.

—Afinal eu, para você, sou apenas um assunto.

—Um lindo assunto, e tambem uma amiga. Acaba de prová-lo.

—Amiga? Não acredito. Você não é amigo de ninguem. A'manhã já não se lembra de mim. E' preciso chamá-lo.

—Não; você, como sempre, proporcionou-me uma tarde encantadora, que eu não esquecerei.

—Não acredito.

—Se quiser, provo-lhe, ámanhã.

—Prova? Como?

—Mando-lhe as *provas*... Boa tarde, *M.lle*.

DR. JOÃO CAMELO
ADVOGADO
Rua Eugenio Santos, 9, 2.º

O SAR-DESSAY

Adornava-lhe o rosto afidalgado,
Com o *chic* oriental de um perfil moiro,
Um indiano turbante avermelhado
De sêda de Chapur com listrões de oiro.

Ricos *girattés* pendentes das orelhas,
— Aros de luz mordidos de diamantes —
De subido valor jóias tão velhas,
Eram reliquias de épocas distantes.

O seu *tchoddó* de sêda adamascada,
Todo bordado a prata desfiada,
Seria a tentação dos Bounsulós!...

Um belo tipo de oriental beleza:
Opulencia, vigor, graça, nobreza!...
—Deviam ser assim os meus Avós.

(Do livro em preparação *Terra de Rahajdáhs*).

Mariano Gracias

Animais nossos amigos ou nossos inimigos?

— Não, v. não tem rasão—dizia eu a madame P. com uma irritação crescente, indominavel — v. é demasiado injusta para com os animais e para com os restantes seres inferiores. Em que os acha v. dignos de tal manha repulsa? Donde vem toda essa hostilidade? Em que lhe desagradam? Essa pontinha de rancôr nem sequer traduz uma interessante atitude de dandismo intelectual.

—Suspenda, peço-lhe, esss fiada de *reproches* que me aturdem. Está impossivel hoje. Questões de temperamento não se discutem. Sinto assim: o porquê nunca me dei ao trabalho de o explorar.

—Atenda um pouco—retomei eu a discussão. Não encontrou v. por ventura, secretas analogias entre a vida humana e a vida animal? Creia que elas existem em grande numero. Os animais andam mais perto dos homens do que as aves proximo das nuvens. Quantas e quantas vezes os destinos de uns e de outros se encontram, se chocam, caminham par à par, como um sistema de forças paralelas! Da Biblia consta mesmo, que Deus olha os passaros com enternecida caridade.

—Que singulares coisas lhe oiço! Acaso v. pertence á Sociedade Protectora dos Animais?

—Por Deus. Para ser poeta amigo das feras, São Francisco de Assis não precisou de se filiar numa sociedade de assistencia. Para cantar *les nobres animaux, l'innocente ancestrale des bêtes* em frases cheias de devoto carinho, Mathieu de Noailles e Affonso Lopes Vieira não pediram diploma especial a qualquer nucleo de beneficencia ou de zoofilia. E' que ha hoje por aí a deploravel mania de pôr rotulos em todos os gestos, como se não existissem ainda os gestos autonomos, espontaneos, puras e magnificas afirmações de genio individual. Eu gosto dos animais, porque os encontro constantemente nas paginas dos mais belos escritores, nos versos dos meus queridos poetas, e até na vida dos grandes artistas.

—Pois olhe — sinceramente, de todos os animais eu só estimo os bichanos, os aedos das trapeiras, os reis *fainéants* duma côrte *baudelairêsca* onde levo a passear a minha imaginação voluvel. Quanto aos mais fico aferrada á sciencia dos ditados: um homem é um homem e um bicho é um bicho.

—Será assim. Mas a esse ditado contraponho eu aquela famosa frase de sabor hobbesiano, que por aí corre: o *bicho-homem*. E' uma frase-emblema, uma frase-legenda, que justifica as minhas opiniões.

—Frase mal inventada, que perdeu o tom...

—Embora. Ela vale por si um compendio. Uma maravilha de sintese. Tanto basta. Mas... dizia-lhe eu que os animais andam dentro da vida humana, exercendo funções de interesse, e até a Arte, longe de os evitar, os deseja e estima.

—!

—Pois v. nunca sentiu por detraz duma descrição de Fialho de Almeida, relumbrante de luz, asfixiante de calor, bezoante e oftalmica, os elitros das cigarras em zangarreios loucos? Nunca adivinhou no traço aristocratico da prosa de D'Anunzio a esbelteza heraldica dos galos? Nunca enxergou no orgulho de Vargas Vila as azas heroicas e tenras dos condores solitarios? E nos presagios, nos pesadelos, nas roucas sinfonias de Raul Brandão ou de Edgar Poe não andam por ventura errantes côros de aves fatais em crucitações lamentosas? Se as flôres, se as arvores e se as aves interessam tanto os artistas e os poetas, porque não hão de os outros *animais nossos amigos* interessá-los tambem?

—V. exagera. E' demais.

—Não exagero. O passado fala sem que eu lhe arranque as palavras. Desde Esopo, o fabulista até aos *fabliaux* do sec. XIV, desde o *Roman de Renart* até Edmond Rostand com o *Chantecler* os animais possuiram sempre fóros de cidade literaria. Aquelas peças encantadoras de La Fontaine, em que os coelhos, as cabras, as raposas e os macacos assumem atitudes humanas, desenvolvidas com uma tecnica dramatica sugestiva, são indiscutivelmente as obras primas e o alto documento dum seculo. E La Fontaine ficou conhecido na historia da literatura como o *peintre animalier*. Aqui está um autor que deve a reputação aos animais, como o seu outro confrade Fedro. Não julgue v. que eu desejo por isto o regresso da humanidade á rudimentar civilisação dos antropoides. Se amanhã todos os nossos semelhantes despertassem para o sol e para a alegria das horas luminosas, empoleirados nas arvores, com os jogos musculares de macacos, que muito gostosamente descascassem nózes, seria a mais monstruosa de todas as surprezas, a mais inaudita de todas as expiações, especialmente para aqueles que por um subido aprumo de dignidade ainda merecessem com dois pés. Neste ponto estou a seu lado, fervorosamente a seu lado, implacavelmente a seu lado, defendendo a superioridade da especie.»

A discussão terminou de brusco, quando madame P. consultou o minusculo relogio de oiro e me preveniu que acabara a meia hora destinada á nossa conversa.

Alfredo de Carvalho

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

O "Homem dos Macaquinhos"

Da rua do Ouro, onde o negocio era escasso, passou-se, ha dias, para o Chiado, o «Homem dos Macaquinhos».

Um facto banal a mais na banalidade dos dias lisboetas, ninguem, decerto, lhe deu, ampliando-o, o significado devido.

Todavia, merece um pouco de atenção, o «Homem dos Macaquinhos».

Ao vê-lo, numa destas ultimas tardes, em pleno Chiado, apregoando inutilmente: —«doze e meio o macaquinho»—eu compreendi que não fôra o intuito de vender mais que o decidira a mudar-se, mas, sómente, uma melhor compreensão do seu destino na terra, e, consequentemente, um estudo mais apurado e verdadeiro de psicologia das ruas.

Engana-se quem vir no «Homem dos Macaquinhos» o que ele, aparentemente, apenas mostra ser: o homem dos seus macacos.

Não. O «Homem dos Macaquinhos» é um simbolo—e um simbolo admiravel!

Naquele puxar do cordelinho, por onde e macaco sobe, está descrita, maravilhosamente descrita, toda a historia, em síntese, de uma rua.

Pois não será o Chiado um cordelinho, e as mulheres, os artistas e os politicos que o sobem, toda a multidão postiça que o desce, os macacos dêsse cordelinho?

Puxados pelo prazer, puxados pelo vicio, puxados pelo sucesso, puxados pela vaidade de se exibirem, puxados pelo sol, todos os dias, ás cinco horas, os macaquinhos sobem e descem.

O «Homem dos macaquinhos», o «Homem que ri» do Chiado!

Antonio Alves Martins

Ressurgimento nacional

Nucleo Central

Na sua séde provisoria, calçada da Penha de França, 12, 1.º, reuniu ontem a comissão directiva dêste movimento, que tratou, entre outros assuntos, da ida de delegações, a Santarem e Tavira, a fim de assistirem á inauguração solene dos respectivos nucleos; de realização, na primeira quinzena de maio, duma festa em beneficio dos poveiros repatriados do Brasil e da colocação dos mesmos nas colonias. Ocupou-se tambem da comemoração do «Dia de Camões» e da nomeação de Comissões Técnicas para a acção intelectual do movimento.

Antes de encerrada a sessão, a assembleia pronunciou-se sobre a humilhante situação dos mutilados da guerra, ficando nomeada uma comissão, constituida na sua maioria de oficiais combatentes de Africa e França, com poderes descricionarios para tratar do assunto.

Foi enviado um telegrama ao Instituto de Coimbra, pelo qual o Nucleo se associa ás festas comemorativas do Centenario de Fernão de Magalhães, e exarados na acta votos de louvor, pela sua dedicação á obra do Ressurgimento, aos srs. dr. Ascensão Contreiras, membro da Comissão Central, e dr. Madureira e Castro e Sá Miranda, consules de Portugal nos Estados Unidos da America e delegados do Ressurgimento Nacional.

O produto da venda da «plaquette» O Soldado Desconhecido, importancia a entregar brevemente ás viuvas necessitadas dos mortos da guerra, atingiu até agora 400$00.

Acaba de publicar-se:
O Livro de Amor de João de Deus
A obra suprema do grande lirico
A' venda nas principais livrarias
Pedidos á
SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL-BRASIL
RUA GARRETT—LISBOA

O NOSSO INQUERITO

O caso dos mutilados de guerra

O sr. dr. José Pontes concede ao "Diario de Lisboa" uma entrevista

Pedimos hoje ao sr. dr. José Pontes, a sua opinião sobre o caso dos mutilados da guerra. O sr. dr. José Pontes sem se negar ao nosso pedido, iludiu-o no entanto em grande parte. E iludiu-o, porque começou por nos afirmar que desconhecia a questão, que estava ha muito afastado do Instituto de Mutilados de Arroios e que não tinha seguido com atenção a campanha levantada nos jornais a favor dos sacrificados na guerra. O jornalista compreendeu que não eram estes os motivos porque o sr. dr. José Pontes se recuzava a falar um pouco mais categoricamente sobre o assunto. Mas, compreendeu tambem que ele alguma coisa poderia dizer no decurso da conversa, e, dessa alguma coisa, certamente interessante, viria emfim a sua opinião.

O sr. dr. José Pontes falando:

—Desde 9 de Abril do ano passado, que estou desmobilizado. Recordo-me desta data pôr ser o aniversario da batalha de *La Lys* e da entrega do Instituto dos Mutilados de Arroios á benemerita Cruzada das Mulheres Portuguesas...

O jornalista:

—A actual questão...

—A questão dos mutilados, atalha o nosso interlocutor, desconheço-a, não a segui com a devida atenção. No entanto creio bem que só um motivo imperioso levou o ministro da guerra a adoptar a resolução que tem levantado tanta celeuma...

—Mas V. Ex.ª lutou fervorosamente em pról dos mutilados; o seu nome anda ligado ao deles... Deve saber alguma coisa...

—E' verdade. Nas colunas da *Capital* e do *Seculo* combati durante dois anos em favor dos mutilados. E nessa ocasião, facto lamentavel, tão lamentavel como o que se está passando, notei que a minha campanha não teve a repercussão jornalistica, que agora estão tendo os casos a que se refere. O meu esforço era quasi um esforço isolado.

—Isolado! repetimos admirados.

—Sim. O movimento limitava-se na imprensa a dois jornais e a alguns camaradas do jornalismo. Deixe-me citar um nome: o dr. Aurelio da Costa Ferreira, que me auxiliou e que foi de uma ternura inexcedivel para todos os mutilados.

—E a campanha levantada agora terá bons resultados? perguntámos.

—Oxalá que ela produza melhores resultados, sobretudo morais, do que aqueles que então consegui. Agora talvez tudo seja facil, os tempos são outros.

Percebemos no rosto do dr. José Pontes um mal levemente vizivel, qualquer coisa como um cansaço, como uma tristeza, e dissemos:

—O seu entusiasmo esfriou um pouco, doutor?

—Talvez. Já não tenho o espirito combativo que possuia então... Lembro-me ainda do tempo em que falar da guerra era um crime, recordo-me da vinda dos nossos herois dessa Flandres longinqua, sem uma palma, uma flôr, uma lagrima, sem a oração do povo glorificando os nossos soldados...

Insensivelmente o nosso entrevistado alheiara-se do assunto da conversa. Seria intenção sua? Obviámos o inconveniente com esta pergunta:

—As reclamações dos mutilados serão atendidas?

—Bem desejava eu que o fossem. Os ventos já são outros; os mutilados que querem reclamar encontram uma atmosfera mais propicia do que ha dois anos quando eu me empenhava em seu favor. Para eles já o disse—deve ir a atenção de todos e o auxilio do Estado.

—No entanto o Estado nega-lho agora?

—Não aprecio o gesto e não sei se ele foi precipitado. Como sabe, ha no parlamento um projecto de lei que aumenta as pensões dos mutilados, o qual conta com a protecção de muitos deputados e de muitos senadores.

O sr. dr. José Pontes calou-se então, falou-nos n'outro assunto, e, quando nos despedimos, como lhe notassemos que ele poderia dizer mais sobre mutilados, respondeu-nos que escreveria brevemente para o «Diario de Lisboa» um artigo onde versaria largamente o assunto.

A vêr vamos.

Amanhã publicaremos algumas palavras do heroico comandante do C. E. P. sr. general Gomes da Costa.

Ministro da guerra

O sr. ministro da guerra partiu hoje de tarde para o Sabugo, acompanhado do chefe do seu gabinete e dos seus ajudantes, a fim de assistir aos exercicios finais da escola de recrutas de infantaria 1.

A instrução em Moçambique

Reabriram na provincia de Moçambique todas as escolas de instrução primaria, sendo admitidas as crianças de um e outro sexo.

Por conveniencia de paginação é deslocada para a segunda pagina, a continuação da novela de A. Ribeiro
A' busca da boa sorte

Marinha mercante

Foi nomeada uma comissão para rever toda a sua legislação

Foi nomeada uma comissão para harmonisar a legislação portuguesa sobre marinha mercante com a dos outros paizes e proceder á revisão de toda a legislação publicada sobre a mesma marinha. A comissão, que procurará apresentar os seus trabalhos num praso de 120 dias, é composra dos srs. contra-almirante Alberto Ferreira Pinto Bastos, presidente; dr. Aires de Castro e Almeida, José Claudino Vasques Machado, dr. Alberto Teixeira de Sampaio, capitães de mar e guerra Salazar Moscoso e Vaz de Carvalho; capitães de fragata Magalhães Ramalho, Carvalho Brandão e Marcelino Carlos; capitães-tenentes Augusto Carlos de Saldanha, Alvaro de Almeida Marta e Carlos Teodoro da Costa e 1.º tenente Raul Cesar Ferreira, secretario.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

NOTAS D'ABRIL

(Diario de Clarinha)

24 abril.

Em Paris, Feraudy creou—*Les affaires sont les affaires*—O heroi segue o seu caminho «d'arrivista» energico, duro e atravessa a peça sem hesitações sentimentais, sem emoções que não estão no seu caracter.

Em Lisboa, Alves da Cunha fez de *Lechat*, o irmão gemeo do heroi das «Cobardias». Têm o mesmo sorriso, as mesmas botas, o mesmo *frack*, e ambos sacrificam a Arte, pelo prazer negativo de fazer rir a plateia, que vê neles a caricatura dos novos-ricos. *Lechat* não é ridiculo é *Mr. beau* via com pungente ironia tudo o que o rodelava.

25 abril

Nas ruas estreitas, onde mal se vê o ceu, ha montanhas de laranjas côr d'oiro. Breve as cerejas transbordarão dos mesmos cestos, rubras, transparentes.

Pouco a pouco desbaratamos os nossos tesouros, e por ultimo madame Junot conta, ingenuamente, que seu marido lhe levára de Portugal mãos cheias de rubis, montes de esmeraldas. Tudo se dispersou. Só as cerejeiras teimam em reproduzir as pedras que perdemos, e que brilharam nos bailes das «Tulheries» sobre o colo de *Joséphine*, ou a cabeça de Laura Junot—Duqueza d'Abrantes...

26 abril

Ontem seguia, Chiado abaixo, uma mulher petulante—pequenina—como todas as mulheres petulantes. A saia mal chegava ao joelho. As *attaches* pareciam mais grosseiras sob as meias de seda côr de prata. Afrontando o sol quente lá seguia embrulhada numa capa de peles caras. Sob a cabeça pequena o pequeno chapeu vermelho emoldurava o rosto arredondado, retocado, apezar da sua evidente mocidade. Contente, balouçava as ancas, pavoneiava-se, pensando que á noite, por duas vezes cantará *couplets* ineptos numa revista de sucesso, admirada pela plateia popular.

Um grupo de mulheres—pobres mulheres, macilentas, rôtas, pára, olha-a com espantada indignação e alto, traduz em frases cruas os seus pensamentos.

E a *divette* desaparece no «Trianon» com as suas peles, o seu chapeu vermelho, as suas faces rubras e o riso—amarelo—da boca pintada a capricho.

Clarinha

Arsenal de Marinha

Um emprestimo para pagamento ao pessoal fabril

A 3.ª direcção geral do ministerio da Marinha foi autorizada a contrair com a Caixa Geral dos Depositos um emprestimo de 97.347$50, destinada a adeantamentos ao pessoal fabril do Arsenal.

Conferencias com o ministro das finanças

Conferenciaram hoje com o sr. ministro das finanças os srs. drs. João Ulrich e Malva do Vale, respectivamente governador e comissario do governo no Banco Nacional Ultramarino.

Deve efectuar-se amanhã uma conferencia entre a direcção da Associação Comercial de Lisboa e o sr. ministro das finanças, sobre assuntos adnaneiros e outros que interessam ao comercio.

Carreiras para as nossas colonias

A companhia de navegação Holland-Africa-Line iniciou as suas carreiras para a nossa Africa, sendo o «Weiringen» o primeiro navio a percorrer os portos africanos portugueses.

MÁ-LINGUA

O livro das sinfonias morbidas, que Alfredo Pimenta escreveu e Taço leu.

Tive uma ideia—Tenho-as em repuxo!—
Arranjo em qualquer sitio uma charanga
e organizo ao Pimenta (não se zanga?)
uma homenagem fixe. E viva o luxo!

Ponho-o num trono, ornamentado a buxo,
sobre um docel azul talhado em ganga
com orchidias bordadas a missanga
e algum payão de escamas de cachucho...

E' que eu não sei quem faça o que ele fez
neste livro de nevoa e morbidez
cujas folhas fui lendo uma por uma.

E' que é Pimenta o unico, hoje em dia,
que leva a cabo tanta sinfonia
sem chegar a dizer coisa nenhuma...

TAÇO

A CIDADE

Notas Mundanas

A caridade

A opereta «Ninguem diga...»

Cada vez é maior o entusiasmo pelas duas elegantes recitas da opereta portuguesa escrita expressamente para ser representada por amadorea pelos comediografos srs. Chagas Roquete e Acacio de Paiva, com musica do maestro Calderon, intitulada «Ninguem diga...» que se realisarão no proximo mês de Maio no teatro de S. Luiz, organisadas por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia e em que tomam parte os melhores elementos do meio amador.

Para a primeira das recitas já poucos bilhetes restam assim como para a segunda já ha grande numero de pedidos os quais devem ser dirigidos para cada da sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, rua Formosa, 139, ou pelo telefone 1:263 central.

A'manhã haverá ensaio dos coros no salão nobre do teatro de S. Carlos ás 21,30 (9,30 da noite), sob a direcção do maestro Mantua, pedindo a comissão organisadora a todas as senhoras e rapazes que tomam parte o favor de não faltarem.

A opereta «Rip»

Continuam decorrendo brilhantemente no palco do teatro de S. Carlos os ensaios da opereta francesa «Rip» que nos primeiros dias do proximo mês de Maio se representará em duas recitas de caridade no teatro de S. Carlos, levadas a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia.

A'manhã há ensaio no palco do teatro de S. Carlos, ás 17 horas (5 da tarde), pedindo a comissão organisadora a comparencia de todas as pessoas que tomam parte, tanto das primeiras partes, como dos coros e danças.

«A Bisbilhoteira» em Coimbra

Ampliando a noticia que ontem demos de que nos dias 9 e 10 do proximo mês de Maio se realisariam no teatro Sousa Bastos da cidade de Coimbra duas recitas de caridade com a representação da engraçada comedia «A Bisbilhoteira» pelo rupo de distintos amadores que a representou na Figueira e Lisboa, temos hoje a acrescentar que o espectaculo será composto alem desta peça de um acto de uma opera da autoria do inspirado compositor sr. dr. Coutinho de Oliveira, na qual toma parte grande numero de senhoras e rapazes da primeira sociedade coimbrã.

Uma festa de arte

Na Academia de Musica Dáfundo-Algés realisou-se há dias uma brilhante «matinée» musical com um programa elaborado a primor.

Iniciou a interessante festa o sr. Luiz de Freitas Branco que pronunciou uma conferencia subordinada ao tema «Associações Musicais».

A eximia pianista sr.ª D. Rita Aurelia Cardoso Monteiro, a mais distinta discipula do sr. F. Bahia e professora da Academia do Dáfundo, executou a solo os seguintes trechos: «Estudo n.º 1—Op. 23—Rubinstein; «Valsa n.º 1, op. 34—Moszkowski».

A assistencia, selecta e numerosa, aplaudiu com extraordinario entusiasmo a distintissima artista, fazendo-lhe uma verdadeira consagração absolutamente justa e merecida.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria Brigida de Leite Perry de Sousa Gomes Cabral de Castro Osorio de Alarcão e D. Caridade de Goyri O'Neill.

E os srs.:

Conselheiro Artur Alberto de Campos Henriques, dr. Francisco Velez Caldeira, José Luiz de Saldanha e Daun (Rio Maior), Arnaldo Pedrosa de Figueiredo, Augusto de Vasconcelos Gonçalves, Nuno Frederico Lopes de Brion, Domingos Heitor Gomes, Antonio da Costa Macedo e o menino Antonio Goyri O'Neill de Melo e Costa (Ficalho).

Casamentos

Realisa-se ámanhã na capela da residencia da sr.ª D. Clementina da Silva Carvalho Santos, viúva do sr. Carlos Elias Rodrigues dos Santos, o casamento de sua gentil filha a sr.ª D. Maria do Carmo da Silva Carvalho Santos, com o sr. José Santos Lima, filho da sr.ª D. Maria dos Santos Lima e do sr. Joaquim dos Santos Lima. Será celebrante s. ex.ª rev. o sr. Bispo de Portalegre D. Domingos Frutuoso.

Clubs elegantes

No "Monumental"

Para o chá dançante de ámanhã, quinta-feira estão feitas muitas combinações entre as principais familias da nossa sociedade elegante, fazendo-nos prever que a tarde de ámanhã no «Monumental Club» é de aquelas que marcam para sempre nos anais mundanos.

Em viagem

A' sua casa da Bemcanta, perto de Coimbra, regressou a sr.ª D. Matilde de Basto Forjaz de Sampaio, gentil filha do sr. dr. José Maria Forjaz de Sampaio, dignissimo juiz da Relação de Coimbra.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Emilia Caldeira de Bourbon Ferreira Pinto Basto e de seus filhos Albano e Joaquim regressou da quinta dos Negros, em Oliveira de Cima, á sua casa na Figueira da Foz, o sr. Alfredo Ferreira Pinto Basto.

—Regressou do norte com sua esposa a sr.ª D. Tereza Valente Moreira (Taboeira) e sua gentil cunhada D. Arcelina, o sr. dr. Antonio Teles da Silva (Tarouca).

—A fim de assistir ás duas recitas que se vão realisar em Coimbra com a peça «A Bisbilhoteira» partiu para Coimbra a sr.ª D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal).

—Estão no Porto, os srs. D. Tomaz de Noronha e D. Antonio Maria de Noronha.

REUNIÕES PARA HOJE

Comissão Executiva do Congresso Beirão, ás 21; Caixeiros, ás 21; Advogados, ás 21.

DA CIDADE ETERNA

Uma entrevista com Puccini

O ilustre maestro fala-nos da sua :: :: nova opera "Turandot" :: ::

Giacomo Puccini, ha poucos dias chegado a Roma para assistir ás representações da sua *Manon Lescaüt*, no teatro Costanzi, esperava demorar-se nesta cidade *in incognito*. Numa das ultimas noites foi, porêm, reconhecido pelos numerosos espectadores do Costanzi, tornando-se alvo de uma entusiastica manifestação de apreço.

—Eu—disse-nos o maestro—vim ao teatro com a modesta e tranquila intenção de assistir á representação da *Manon* como qualquer outro espectador. Reservava-me o prazer de fazer autocracia...

—Mais uma doce recordação...

—Na verdade! Noites semelhantes não se esquecem facilmente: constituem a mais bela recompensa dos meus esforços.

—A *Manon*, é certo, deu-lhe, seguramente, muitas satisfações equivalentes...

—Certamente. A *Manon* foi sempre uma das minhas criações prediletas. Ainda vive em mim a lembrança das suas mais remotas representações, durante as quais o publico quiz demonstrar-me todo o seu aplauso e toda a sua simpatia. Em Paris e em Londres, com Caruso e outros artistas de grande valor, a dôr cruciante da linda e infeliz Manon ha anos que conseguiu penetrar no coração dos que escutam a minha opera e vencer as desconfianças com que, sobretudo na capital francesa, as operas estrangeiras são geralmente recebidas. Mas deixemos o passado...

—Tem razão. E' talvez mais interessante falar do futuro. A sua nova opera?...

O rosto de Puccini escureceu-se; o maestro tornou-se reservado.

—Perdão! Não chegou ainda o *momento psicologico* de fazer indiscrições sobre a minha nova opera, a qual, de resto, se acha apenas no periodo de gestação. E' inutil, portanto, interrogar-me: prometi a mim mesmo não falar da *Turandot*... Ha ainda tantas coisas a fazer! As linhas principais já foram, porêm, desenhadas, mas preciso de socego e tranquilidade para trabalhar.

O maestro, pelo que ouço, continua a não gostar de entrevistas e decidido a não se deixar comover pelos jornalistas...

—Os meus libretistas Renato Simoni e Giuseppe Adami irritar-se-iam, seriam até capazes de não perdoarem as minhas involuntarias indiscrições... O que poderei dizer-lhe? Ora... que a *Turandot* ainda não está pronta — nem nos versos nem nas scenas, pois os meus amigos apenas estão apnrando agora o terceiro acto. Partirei um dia destes para Milão, a fim de tomar os ultimos acordos com os meus colaboradores. Como vê, estamos ainda muito longe do dia em que escreverei na partitura a acariciada palavra *fim*.

—O *Turandot* do escritor Gozzi serviu-lhe de modelo?

—Não. Aproveitámos apenas o assunto; mas eu, bem como os meus amigos, quizemos imprimir outra orientação e outro caracter ao libreto. A acção desenvolve-se na China antiga, mas numa China inexistente, que serve de fundo a todo o conjunto eminentemente fantasioso e poetico da acção. As mascaras italianas foram substituidas por três mascaras chinezas, destinadas a representar o bom senso e ás quais cabe um papel de destaque. Em conclusão, trata-se duma fabula em harmonia com o meu temperamento musical, unindo á acção sentimental um pouco de grotesco.

—Então, o libreto é muito interessante...

—Interessantissimo — por si mesmo e como trabalho literario. Renato Simoni e Giuseppe Adami souberam escrever um libreto magnifico e original.

—Musicou já parte dos dois actos terminados?

—Conclui apenas algumas scenas e fixei completamente algumas arias. Antes que possa trabalhar a serio, decorrerá um mês. Prometi ir, em maio proximo, a Berlim para assistir á representação do meu *Trittico*, depois da qual regressarei á Italia e me fecharei no meu ermo predilecto...

Giacomo Puccini compreendeu haver-se explicado talvez mais do que desejava.

—Tagarelei demasiado, mas o sr. estará calado... Não conviria mesmo alongar-se mais em pormenores... De resto, eu proprio os ignoro.

—Trata-se, naturalmente, duma opera essencialmente melodica, não é verdade?

—Seguramente; não pretendo contrariar o seu conhecido temperamento. Alguem—não sei bem porque razão—censurou-me esta minha teimosa paixão pela melodia pura, que brota espontanea do coração. Mas esse alguem não pensou em que ninguem se mostra sincero constrangendo o seu temperamento. Porque deveria eu seguir os conselhos de certos criticos? A melodia, creia, é e será sempre soberana; é a unica força capaz de animar uma opera. Bach e Beethoven não foram, porventura, antes de tudo, acima de tudo, grandes, insuperaveis maestros, tendo o culto da melodia? Eu preferirei mais uma vez, e sempre, a melodia... a divina melodia.

Após um instante de silencio, acrescentou:

—Estou agora organizando todo o trabalho preliminar para a *Turandot*. Já que a acção, como lhe disse, se passa na China, procurei estudar a curiosissima musica dêsse misterioso país remoto e inspirar-me nas suas canções populares. Desejava quasi viver um pouco nesse ambiente e colher, em flagrante, as *insistencias* musicais dos chineses. Em Viena, onde fui em Outubro p. p. para a representação do meu *Trittico*, proporcionou-se ensejo de escutar alguns cantos chineses muito simples e primitivos, e o meu amigo Gatti Casazza enviou-me recentemente da America alguns maravilhosos discos chineses.

—E quando conta acabar a *Turandot*?

—O facto depende de muitas e diversas circunstancias e tambem da minha inspiração... O que lhe assevero é que anseio por chegar ao fim. Os anos não passam debalde...

—Giacomo Puccini sorriu, não acreditando ele proprio nas suas angustiadas palavras.

—Afirmam-me que me encontram ainda novo e, na verdade, ainda me sinto cheio de energia e capaz de trabalhar por longos anos; mas ha quem, com obstinada petulancia, se não esquece de murmurar que me não iluda... Trata-se de um meu terrivel inimigo...

—Quem é?

—O calendario!...

E. Garcia

MALAS POSTAES

Amanhã são expedidas malas postais pelo «Minho» para os Açores, e pelo «Haarlen» para a Africa Oriental, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral para ambos.

Conferencia parlamentar internacional

Um credito para as despesas a fazer no Congresso da Republica

Foi aberto um credito especial de 200 contos, destinado ao pagamento das despesas a realizar pela comissão administrava do Congresso da Republica com a conferencia internacional do comercio.

Gatunices varias

Inez Machado, rua Tomás da Anunciação, 14, roubou ao estrangeiro Abexal Corrim, tripulante de um vapor surto no Tejo, a quantia de 400 escudos. Foi presa e recolheu aos calabouços do governo civil.

A policia tambem prendeu Eduardo Nobre, travessa Teixeira Junior, 19, 1.º, e José Miguel, travessa do Fiandeiro, 11, pateo, por terem roubado uma roda de avião, no valor de 350 escudos, pertencente á comissão de transportes de tropas.

DIARIO POLITICO

Ainda não foi entregue ao sr. Ministro do Interior o parecer do general sr. Correia Barreto, ácerca do inquerito aos actos do sr. Liberato Pinto, como chefe do estado maior da G. N. R.

Apesar do sigilo que envolve ainda os resultados desse inquerito, ha quem afirme convictamente que sobre o sr. Liberato Pinto pesa uma acusação de natureza moral, a que não deve ser estranho o caso do aproveitamento dos automoveis do Estado por pessoas de sua familia.

O sr. Ministro do Interior submeterá o parecer a conselho de ministros, logo que ele lhe seja entregue. Nesse conselho, um dos ministros, talvez o sr. Alvaro de Castro, manifestará a opinião de que o sr. Liberato Pinto não deve voltar a ocupar o cargo que exercia na G. N. R. A confirmar-se esta informação, o sr. Liberato Pinto renunciará imediatamente ao seu mandato de deputado.

Aumentam dia a dia os pretendentes á legação de Berlim, o que muito embaraça a diplomacia do sr. ministro dos estrangeiros.

O sr. Domingos Pereira, atemorizado perante as dezenas de concorrentes a tão alto cargo, não conseguiu até agora resolver o assunto, a não ser pelo sistema facil de não nomear ninguem.

Falou-se já no nome do sr. Coucelro da Costa, que transitaria de Madrid para Berlim. No entanto o sr. ministo dos estrangeiros não quiz aceitar essa indicação. E talvez a tenha rejeitado a seu pezar porquanto ela lhe permitiria colocar em Madrid o seu amigo sr. Henrique de Vasconcelos.

Os manifestos ontem distribuidos em Coimbra pelos estudantes conseguiram agravar o conflito.

A atitude da Academia levou o sr. dr. Angelo da Fonseca a telefonar na madrugada de hoje ao sr. ministro da instrução, dizendo que ou o governo toma energicas providencias ou se verá forçado a abandonar o lugar.

Foram dadas ordens á policia para reprimir abusos, esperando o sr. dr. Julio Martins resolver brevemente o conflito com a sua intervenção directa.

O sr. ministro das finanças teve hoje uma larga conferencia com o sr. Alberto Xavier, secretario geral da Fazenda Publica, e Daniel Rodrigues, director da Caixa Geral dos Depositos, para apreciação da proposta de venda de trigos e farinhas do Canadá.

Ao contrario do que se esperava o assunto não ficou hoje resolvido por parte do sr. Antonio Maria da Silva.

Pelo sr. ministro da guerra vão ser convidados a prestar explicações, pelo facto de terem oferecido as suas condecorações para serem vendidas a favor dos mutilados, os oficiais da policia srs. Tribolet e Boavida.

Firma-se o sr. Alvaro de Castro no facto de, segundo a lei, serem os oficiais condecorados simples portadores das insignias que lhes são conferidas e das quais passam recibo, Quando muito — e por uma lei recentemente publicada — essas insignias podem ser transmitidas a seus filhos.

CONFERENCIAS

O sr. Jorge Marinho da Silva, realiza hoje pelas 21,30, na Liga Naval Portuguesa, a sua anunciada conferencia sobre a «Acção da mulher na sociedade actual».

LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49
Livros tecnicos de todas as especialidades

COLONIAS

A COLONIA DE S. TOMÉ

A mão de obra indigena

Um valioso trabalho do engenheiro sr. Ezequiel de Campos

Ainda ha dias tivemos ensejo de nos referirmos ao notavel trabalho do sr. dr. Correia de Aguiar sobre a mão de obra indigena na colonia de S. Tomé, e já hoje vimos aqui chamar a atenção dos leitores para um outro, não menos brilhante, de que é autor o sr. engenheiro Ezequiel de Campos e que por deferencia de um amigo pudemos ler um dos primeiros exemplares.

Intitula-se este notabilissimo trabalho: «A revalorização agricola da ilha de S. Tomé».

O seu autor é o distinto engenheiro sr. Ezequiel de Campos, com largos anos de trabalho inteligente na colonia de S. Tomé e cujos creditos de escritor, quer sob assuntos da sua profissão, quer sob assuntos economicos e sociais, estão de ha muito afirmados.

Como creio é sabido de muitos, as plantações de cacau em S. Tomé e Principe estão sendo devastadas pelo «rubrocineto». Uma verdadeira calamidade, não só para os agricultores, proprietarios das «roças», mas para a economia do país, pois o cacau é ouro, porque em ouro é pago.

Para que se possa fazer uma ideia das razias que essa maldita «bicheza» tem feito nas plantações de cacau, bastará dizer que a colheita de 1920 foi 60 0|0 menos que a de 1916!

«Em cada dia das gravanas, diz o sr. Ezequiel de Campos no seu livro, de 1919 e 1920 aniquilaram-se mais de 600 contos do capital agricola da ilha de S. Tomé, pela mortalidade dos cacoeiros.»

Pois apesar da gravidade que a situação agricola já apresenta, é ainda o sr. Ezequiel de Campos que nos diz: «Em poucas palavras: a crise está a começar — a prova mais rude que tem vindo á actividade da colonia de S. Tomé e Principe.»

«A revalorisação agricola da ilha de S. Tomé» é um livro que precisa ser lido por todos, governo, tecnicos e agricultores, pois nele se encontram subsidios indispensaveis para a sbluçáo do problema. Num artigo de jornal não é possivel dar uma ideia sequer de trabalho tão valioso. Limitar-me-ei portanto a enumerar os seus capitulos, cujas rubricas são por si bastante elucidativas:

A devastação dos cacoeiros—Analise das condições da produtividade—O factor predominante do definhamento — A previsão da crise—Perspectivas da evolução da crise—A correcção do ambiente cultural—Da secura do ar — Da secura do terreno — Da fertilidade do terreno—A defeza dos inimigos das plantações — A justiça da solução —A crise dos trabalhadores africanos — A valorisação do indigena—A crise de europeus para a agricultura insula—O desiquilibrio na economia insular—A monocultura do cacau—O sistema de culturas—Os processos de cultura—Industrias insulares».

E como conclusão transcrevo a que tirou o sr. Ezequiel de Campos: «Para resolver a crise agricola da colonia de S. Tomé e Principe urge:

Da parte do governo: civilisar toda a administração com o tom de sanguesuga sem retorno de beneficios:

a) reduzindo as despezas militares e burocraticas ao stritamente indispensavel, sob o ponto de vista não burocratico;

b) estimulando os trabalhos de produção de generos agricolas e industriais toda a população válida, e regulando ao mesmo tempo de forma que sejam em numero minimo, e o menos prejudiciais possivel, os vadios e os desocupados;

c) executando rapida e metodicamente as obras de rega e um plano de utilisação dos terrenos abandonados ou mal utilisados;

d) definindo e cumprindo uma politica florestal e agricola que assegure a realização por todos os interessados no cultivo da terra, do plano de revalorisação agricola das ilhas;

e) facultando sementes, plantas, instrumentos, drogas, etc., para a execução cabal daquele plano, o que importa o estabelecimento, em boa actividade, dos Serviços Agricolas.

Da parte dos agricultores:

a) A cooperação de esforços para que sejam bem definidas sem demora as causas da crise do cacau e o metodo eficaz de as debelar; e logo a seguir a cooperação harmonica na realizacão do plano de ressurgimento agricola;

b) Uma boa politica de defesa dos seus interesses, de orientação da vida da colonia, e de iniciativas de melhoramentos de interesse colectivo, que só eles podem realizar.»

Carlos Pereira

PROVINCIAS

Em Sacavem

Evasão de seis presos militares

Sacavem, 26.

Pelas 16 horas de hoje evadiram-se do forte de Sácavem 6 reclusos militares que ha tempo aí se encontravam, uns para cumprimento de pena e outros aguardando julgamento. A fuga deu-se pelo cano de esgoto que vai dar ao rio Trincão a uns 70 metros da estação do caminho de ferro.

Dado o alarme imediatamente saíram em sua perseguição praças da 3.ª companhia do batalhão de artilharia de guarnição que após varios esforços conseguiram capturar quatro, um no Poço do Bispo, outro nos Olivais e os dois restantes escondidos, um num palheiro e outro no meio dum faval.

Todos eles têm largo cadastro e em especial o cabo Antonio Nogueira de Almeida por alcunha «O Bera» e o soldado Francisco Dias da Silva, com 36 prisões.

Falta ainda capturar o soldado de artilharia 3 n.º 1039, comprometido num roubo de 12.000$00, em tempo dado em Braga e o soldado Valeriano de Sousa, de infantaria 1.

Em Portalegre

Dr. Humberto Feigueiras

Portalegre, 25

Constituiu uma importante manifestação de pezar o funeral do reitor do liceu e presidente da Comissão Executiva da Junta Geral, sr. dr. Humberto Augusto Feigueiras. Desde que foi transportado da sua residencia para o liceu, foi velado por diversos turnos dos seus colegas, procuradores e funcionarios da Junta Geral, diversas entidades oficiais e alunos do liceu. O funeral que foi imensamente concorrido, abria pelas internadas do Asilo da Infancia Desvalida, com a sua bandeira coberta de crepes, seguindo-se as escolas primarias da cidade, Escola de Artes e Oficios Fradesso da Silveira, alunos do liceu com capas em funeral, Associação dos Trabalhadores, Cooperativa Operaria, Bombeiros Voluntarios Robinson e Escola Primaria Superior, todos estes tambem com as suas bandeiras cobertas de crépes. Encorporaram-se tambem os Bombeiros Voluntarios de Portalegre, o elemento oficial e a Banda dos Bombeiros, que tocou durante o percurso uma sentida marcha funebre; organizaram-se diversos turnos, cabendo o primeiro á Junta Geral do distrito e os restantes aos professores do liceu, ao pessoal menor do mesmo, aos alunos, ás alunas e ao elemento militar e civil que acompanhava o prestito. A' beira da sepultura falaram os srs. dr. Apolino Marques, director de classe mais antigo, servindo de reitor, pelo liceu; dr. Carlos Rolo (visconde de Cidrais), pela Junta Geral, Armando Neves e José Manuel da Costa, aluno do 6.º ano de letras, pela Academia

O cadaver ficou depositado no jazigo do sr. José Cesar de Noronha, até ser transportado para Bragança, terra da naturalidade do falecido. O salão nobre do liceu achava-se atapetado de flores e junto do caixão ostentavam-se doze corôas oferecidas pelas col tividades e familia.

Um julgamento

Começa ámanhã o julgamento em audiencia geral, de Clotilde dos Remedios Canario, que em dezembro ultimo assassinou o seu amante Antonio Joaquim Rodrigues, cortando-lhe quasi por completo as gnelas.

Em Marinha Grande

Uma scena de facadas

Marinha Grande, 26.

Na fabrica nacional de vidros desta vila o operario Augusto Baptista, natural de Torres Novas, deu uma facada no seu colega Joaquim Pereira Junior, deixando-o em perigo de vida. O agressor fugiu.

Em Benavente

As geadas

Benavente, 26.

As ultimas geadas causaram importantes prejuizos nas vinhas desta região, estando os lavradores tambem muito desanimados pela falta de chuva.

Tauromaquia

No dia 5 de junho realiza-se na praça de touros desta vila uma corrida nocturna que promete ser magnifica, visto que a direcção da nova filarmonica a favor da qual reverte o produto liquido, está deligenciando contratar os melhores toureiros. Os touros, que já foram apartados, pertencem ao opulento lavrador da Golegã, sr. Frederico Bonacho dos Anjos; e são lindas estampas.

Na Chamusca

Uma sindicancia

Chamusca, 26.

Acompanhado dum agente de investigação da polícia, encontram-se aqui dois empregados superiores dos correios e telegrafos, de Lisboa, que vêm averiguar quem seja a pessoa que tem violado, por diversas vezes, a correspondencia expedida e recebida pelo sr. dr. Antonio Candido Neves, do Pinheiro Grande, escrevendo nessa correspondencia coisas variadas e até obscenidades.

Encontra-se detido um distribuidor e suspensa a chefe da estação do correio desta vila.

Oxalá aquelas autoridades apurem o caso, não só para que não pague algum inocente, mas para que o autor de tão repugnante crime recebá o premio que merece.

Teixeira Campos & Almeida, L.da

ALFAIATES-MERCADORES

Sempre as ultimas novidades

ROCIO, 26, 1.º

L. SILVA DIAS

Representações estrangeiras e conta propria

Stock dos seguintes artigos:

Cabedais e artigos para calçado
Botões perola, agulhas.
Bordados a pezo e á peça
Peugas de seda e algodão.
Molas para vestidos.
Pentes e escovas.
Maquinas de escrever A B C
Maquinas de chegon.
Pneus e camaras d'ar .
Anilinas.

Rua Aurea, 265, 2.º

Telefone 3207-C.

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

SÉDE: Rua Aurea, 175 a 191 --- LISBOA

SUCURSAIS:

PORTO --- Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO --- Banco Portuguez do Brasil

Telegr.: PROCOLONIA — Telefones: C. 5220-5221

Capital autorizado: Esc. 100.000:000$ Capital emitido: Esc. 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUEZA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no país e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos cauciónados, transacções sobre mercadorias, etc.

NO ESTRANGEIRO

O CONFLITO MINEIRO

E' quasi completa a paralização da industria inglesa

Só num bairro de Londres encontram-se sem trabalho 50:000 operarios — A corrente electrica — As fabricas de fundição

LONDRES, 27.

Se se realisam as esperanças de pôr termo ao conflito actual, toda a gente sairá ganhando, pois começam a fazer-se sentir sériamente os efeitos da gréve. Em Trafford-Park, em Londres, uma centena de fabricas tiveram de fechar as suas portas, pondo á margem 50.000 trabalhadores. E por toda a parte registam-se casos semelhantes. Em Birmingham, que é um dos centros maiores das grandes industrias, a paralização adquire proporções alarmantes. Em Selirtz, as fabricas de gaz estão em riscos de deixar de funcionar.

Em toda a Inglaterra reduziu-se a produção de corrente electrica, e ameaça reduzir-se a fins inverosimeis na proxima semana.

Tambem são muitas as fabricas de fundição que carecem de meios para continuar o trabalho.

As perdas acumulam-se dia a dia para todos os ramos da industria inglesa.

Medidas do governo italiano

E' limitado o consumo de carvão nas fabricas

E não é só na Inglaterra aonde se fazem sentir os efeitos da crise, senão nos países importadores de carvão, como a Italia. Efectivamente o governo italiano limitou o consumo de carvão das fabricas, e deu ordem aos seus produtores de gaz e electricidade que reduzam a sua produção desde já. Tambem se limitou o serviço de comboios.

Espera-se que esta semana chegue o anciado acordo entre patrões e operarios e que este seja de caracter permanente e definitivo.—(R.).

Os interesses da França

Um artigo do jornal "Le Matin"

PARIS, 26

No jornal *Malin* o sr. Sanorwoin dá como certo que, nem na forma nem no fundo, os srs. Harding e Hughes nada farão que possam lesar os interesses da França ou prejudicar a sua acção.

Quasi toda a imprensa dos Estados Unidos faz-se eco destas disposições amistosas. Nunca a America será um obstaculo á cobrança da divida francesa, sejam quais forem os meios que os aliados julguem uteis para o conseguir.

Actualmente, os americanos, com a honestidade que em tudo os distingue, examinam o texto que lhes foi comunicado pelo governo alemão, tencionando comunicá-lo oficiosamente aos aliados no mais curto tempo.—(R.)

"Caminho da Atlantida"
(Uma campanha luzo-brasileira)
—POR—
JOÃO DE BARROS
Á VENDA NA
LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49

O CAOS DE BARCELONA

O Sindicato Livre proclama o direito do "terrorismo em sua defeza"

Um trecho de uma carta dirigida ao deputado republicano sr. Alexandre Lerroux — "Nunca provocamos, nunca provocaremos, respondemos apenas a provocações"—escreve o Sindicato Livre

Os ataques em Barcelona continuam. Em virtude desses ataques morreu um operario e estão outros dois perigosamente feridos; todos pertenciam ao Sindicato Livre.

Este acaba de dirigir uma carta ao deputado D. Alexandre Lerroux, carta que foi publicada em todos os jornais e da qual podem transcrever-se os seguintes periodos, que conteem o sentido geral dela:

«O nosso terrorismo (se ha terrorismo no nosso comportamento) é um terrorismo de defesa propria. Nunca provocámos, nunca provocaremos; porém, enquanto a nossa segurança pessoal não fôr suficientemente garantida, responderemos a cada provocação e reagiremos contra os assassinos e contra os que os protegem.»

E' uma acusação gravissima ao governo; bem mais uma acusação ao governo do que um ataque aos seus inimigos.

Já a proteção que o governo dedica aos cidadãos ou ás colectividades é tão pequena que estas necessitam de se defender a si proprias com meios violentos e proclamam alto e bom som esse direito e essa necessidade?

Não nos parece, porém, boa a politica de alguns jornais espanhois que, além da publicação da carta, estimularam esse «terrorismo de defesa» com palavras imprudentes.

A linha de terrorismo de defesa e de ataque não está nitidamente marçada, sobretudo no espirito daqueles que o usam como represalia, excitá-los ainda mais é contribuir para que insensivelmente passem do primeiro para o segundo.

O REGIMEN SOVIETISTA

A actual situação de alguns representantes da antiga nobreza russa

A princeza Galitzia é criada de restaurantes; o almirante Dickert é porteiro; o principe Bourbissen vende carne; o general Miolachevsky é moço de fretes e um filho de Sturmer é engraxador

A nobreza russa, que conseguiu fugir ao regimen de terror causado pela revolução russa, encontra-se numa situação tão miseravel que nos parece terem tido mais sorte os que fecharam os olhos como martires, para não verem nem sentirem mais nada. Não é unicamente uma situação humilde aquela em que se encontram os que viveram nos palacios mais ricos da Europa; é uma situação degradante.

Felizes as mulheres de principes e de almirantes que têm apenas de vender em leilão, num pátio de Stambul, as suas peles, as suas joias e os seus vestidos, emquanto seus maridos leiloam igualmente as condecorações que foram a sua gloria e a do povo russo; porque muitas delas vendem jornais e flores pelas ruas, emquanto outras, como a princesa Galitria, servem nos restaurantes.

O almirante Dickert, condecorado com a Legião de Honra, teve a dita de encontrar um lugar de porteiro na legação francesa; o principe Bourbissen vende carne no bairro de Pera; o general Miolachevsky, antigo comandante de lanceiros de Tsarilsa, é um moço de fretes; um filho de Sturmer, que foi primeiro ministro da Russia, é engraxador.

Não é só a profunda miseria em que se encontram estas criaturas, que foram das mais opulentas do mundo, que impressiona: é a reviravolta que a revolução produziu até no estrangeiro: pois não se compreende senão como um fruto da revolução, que essas criaturas ilustradissimas tenham as mais baixas posições da sociedade.

EM PARIS

As visitas das delegações municipais de Praga

Uma romagem a Verdun e um almoço na Camara de Comercio

PARIS, 27.—As delegações da municipalidade de Praga e dos comerciantes tchecoslovacos que acompanhavam os representantes do conselho municipal de Paris e do conselho geral do Sena foram visitar Verdun e alguns dos pontos principais do imenso campo de batalha onde se desenrolou e se resolveu a sorte da França.

Os tchecos-slovacos foram tambem acompanhados pelo sr. Guget, ministro da França em Praga, e pela mesa da camara de comercio de Paris. Os delegados de Praga foram depois da sua volta visitar, na terça feira de manhã, o museu do Louvre, e foi-lhes oferecido um almoço na camara do comercio de Paris.

A viagem de lord Derby á Irlanda

LONDRES, 27—Lord Derby, descrevendo a sua visita não oficial á Irlanda, disse que tinha recebido muito más impressões da sua viagem, encontrando muitas más vontades, mas espera que numa nova visita consiga bom resultado.

A reconstrução dos territorios devastados

Uma comunicação da Alemanha á comissão das reparações

BERLIM, 27.—A Alemanha está disposta a auxiliar com todos os seus recursos a reconstrução dos territorios devastados para combater a miseria e odio por ela creado. A Alemanha dispõe-se a reconstruir ela propria as cidades, aldeias e aldeolas ou fornecer materiais e mão de obra, á escolha dos aliados. Esta intenção da Alemanha foi comunicada á comissão das reparações.—(R.).

O PROGRAMA DE HARDING

A opinião do sr. Briand sobre a politica americana

—"A França só pede justiça e a execução do Tratado de Versailles—A Alemanha deve respeitar os direitos franceses"—

PARIS, 27.

A «Chicago Tribune» pediu ao sr. Briand que lhe dê a sua opinião sobre o problema politico da America, tal como foi indicado pelo presidente Harding.

O sr. Briand respondeu:

«Compreendemos as razões que ditaram o programa do presidente Harding. Podeis estar seguros de que na França nos achamos sempre dispostos a considerar favoravelmente todas as propostas procedentes de Washington.

«Interessa tanto aos Estados Unidos como á França».

Depois o sr. Briand acrescentou:

«A França demonstrou nos ultimos seis meses não sómente uma grande paciencia, mas tambem uma boa vontade extremada. Apesar das alegações dos nossos adversarios, manifestamos ao reclamar os nossos direitos uma grande largueza de vistas. Não pedimos mais do que justiça, isto é, a execução do tratado de Versailles. A França continua mais resoluta que nunca a fazer de maneira que a Alemanha respeite os direitos que a França tem adquiridos pelo tratado de Versailles.—(R.).

A conferencia Briand-Lloyd George

Declarações do primeiro ministro inglês na Camara dos Comuns

PARIS, 26

Respondendo a varias preguntas que lhe foram apresentadas, o sr. Lloyd George declarou nos Comuns o que se passou em Lympne, afirmando que a decisão geralmente tomada pelo governo britanico e explicada por ele, na semana passada, continuava a ser a sua. A'cêrca das propostas que prepara o governo alemão, o sr. Lloyd George afirmou que se estas não forem satisfatorias, o governo britanico apoiará a conferencia que se vai realizar, sobre as suas propostas para a ocupação da região mineira de Westfalia.—(R.)

A Belgica está ao lado da França

PARIS, 26.

O «Matin» frisa a excelente impressão produzida pela nitida declaração do sr. Lloyd George nos Comuns. A Belgica está inteiramente ao lado da França e a Italia não faz objecções.—(R.)

Briand dá conta do que se passou em Lympne

PARIS, 26.

O presidente do conselho, sr. Briand, regressando de Lympne, chegou ontem a Paris, tendo á tarde presidido ao conselho de ministros, onde expôs o resultado da sua viagem a Hythe e quais as condições em que os aliados foram convidados para a proxima conferencia de Londres.—(R.)

AUTOMOVEIS
Vendem-se 2, Berliet e Brasier.
Largo do Marquez do Lavradio, n.º 15.

TEATROS

Festas artisticas

Vai ser das mais brilhantes da temporada a recita da festa de Berta de Bivar, marcada para 5 de Maio no Gimnasio. Para ela já mandaram reservar os seus lugares os assinantes das «premières» que não querem faltar á estreia da peça de Jaime Cortezão, intitulada «Adão e Eva», na qual Berta de Bivar e Alves da Cunha interpretam os principais papeis

—E' a 4 de maio, na noite da sua festa, que se reunem os numerosos amigos e admiradores de Otelo de Carvalho. O espectaculo consta da «reprise», em representação unica, da graciosa peça «Os Irmãos Unidos», e da «première» da peça «Vertigem», tendo nas duas magnificos papeis o festejado.

—Realiza-se hoje no Apolo, pelas 21,30, a festa artistica do actor João Silva.

Além da representação dos quadros novos da revista «Burro em pé», subirá á scena pela primeira vez a graciosa peça de Marçal Vaz, intitulada «O noivo encravado», em que o actor Nascimento Fernandes interpretará um papel diferente do seu genero, fazendo o seu reaparecimento o actor Artur Rodrigues. Faz tambem parte do programa um grande certamen de fados em que tomam parte, entre outros cantadores, o sr. João Maria dos Anjos, executando o guitarrista Armando Augusto alguns fados da sua autoria. Este magnifico espectaculo não voltará a repetir-se.

Reclamos

NACIONAL.—Em recita da moda realiza-se a despedida de «Os velhos», a encantadora peça de D. João da Camara, em que Brazão tem uma das suas brilhantes creações.

GIMNASIO.—A grande atracção teatral da actualidade continua sendo a famosa peça «Negocios são negocios», que todas as noites se representa neste elegante teatro.

SÃO LUIZ.—De grande originalidade, saindo completamente fóra dos moldes habituais das operetas, «J. P. C.» é um dos mais interessantes espectaculos que está levando Lisboa inteira a este teatro.

AVENIDA.—Realiza-se hoje o espectaculo de beneficencia, promovido pelos alunos do liceu Pedro Nunes, representando-se as peças em 1 acto «Tio Pedro», o «Fura vidas» e a «Bicha solitaria», que são interpretadas por alunos do mesmo liceu.

POLITEAMA.—E' hoje finalmente que sobe á scena, pela 1.ª vez a opereta em 3 actos «Paris—Monte-Carlo». A empreza propoz-se montá-la com todo o luxo, para que ela, conjugada com o interesse da letra e beleza da musica, obtenha um exito semelhante ás que a procederam. E' de Carlos Lombardo, feita na parte musical sobre motivos do maestro Mario Costa e traduzida por Acacio Antunes.

EDEN.—Podem desde já marcar-se lugares para o espectaculo que ámanhã se realiza, em 5.ª recita de assinatura, dos poucos que ainda restam. Trata-se, conforme temos anunciado, da primeira representação da revista-fantastica «Cerco ao rei», original de Penha Coutinho, autor da feliz opereta «A feiteira d'Entre Arroios».

SALÃO FOZ—Tem peça para as calendas gregas a julgar pela extraordinaria concorrencia das duas sessões na linda revista sonho fantasia «Trólaró» a ultima maravilha teatral d'esta temporada

CARTAZ

Nacional—A's 21, «Os Velhos».
S. Luis—A's 21, «J. P. C.«
Ginasio—A's 21, «Negocios são negocios».
Politeama—A's 21, «Paris-Monte Carlo».
Apolo—A's 21,30, «Burro em pé».
Avenida—A's 21,30, «Tio Pedro»; «O Fura-vidas»; «A bicha solitaria».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró»
Coliseu dos Recreios—A's 21, Combatos de box.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

O centenario de Fernão de Magalhães

COIMBRA, 27 —Na Universidade realizam-se hoje as festas de comemoração do centenario de Fernão de Magalhães.

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 28—Resa-se de S. Paulo da Cruz. C. duplex paramentos brancos, 2.ª oração S. Vital Missa propria.

LAUSPERENE—Na capela Nossa Senhora Perpetuo Socorro, do sr. dr. Centeno (á Alameda Santo Antonio dos Capuchos).

FESTIVIDADES—Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas; S. Roque, ás 8,30, missa.

CAPELA PERPETUO SOCORRO—A's 10 horas, missa da Paz; ás 19, Terço Bemditos, por musica.

NOVENA Á SENHORA DO RESGATE—RESGATE—A's 18 horas, com exposição do Santissimo, por musica, e pratica.

CONCEIÇÃO VELHA—A's 12,30, Novena ao Senhor dos Passos, por musica.

NA IGREJA DA GRAÇA—A festa ao Senhor dos Passos na igreja da Graça realiza-se no dia 3 de Maio, a grande instrumental, executando-se a missa e credo do maestro Casimiro Junior, celebrando de pontifical o rev. conego dr. Mora com a assistencia do sr. cardeal patriarca, orando o rev. abade de S. Tiago de Anta, ás 19,30, sesmão pelo mesmo orador e «Te-Deum», oficiando o sr. arcebispo de Mitilene.

NA IGREJA DO CORPO SANTO—A devoção ao Mês de Maria é feita ás 19, dando-se a benção do Santissimo.

MÊS DE MARIA—A devoção do Mês de Maria na igreja das Chagas é feita ás 9 horas, dando-se a benção do Santissimo.

NA IGREJA DOS MARTIRES—No dia 3 de Maio realizam-se as seguintes festas:

Dia 3—A's 12 horas, festa ao Senhor Jesus dos Aflitos, com missa solene, por instrumental, orando o rev. prior Angelo Firmino da Silva; ás 18 horas começa a Novena á Senhora dos Martires, com exposição do Santissimo, por instrumental, até o dia 11.

—O Sagrado Lausperene que se achava distribuido no dia 3 de Maio para a Igreja de Santa Cruz do Castelo, é recebido na igreja de S. Tiago.

Ultimas Noticias

DOS ESTADOS UNIDOS

Uma luta entre um homem e um octopus

NEW-YORK, 27.—Os passageiros do navio *Caronia*, de viagem para New-York, assistiram a um emocionante combate entre o carpinteiro de bordo e um octopus gigantesco com o peso de 70 libras e com tentaculos com mais de 5 pés de comprimento. A luta demorou 15 minutos, tendo o carpinteiro conseguido livrar-se dos tentaculos do monstro e matá-lo com uma barra de ferro.—(R.).

Gatos amestrados para lançar incendios?

NEW-YORK, 27.—A Associação Nacional de Credito diz que se chegou á conclusão, depois de um inquerito demorado, que negociantes sem escrupulo que sofreram grandes perdas com as baixas de preços, empregavam gatos amestrados para incendiar edificios para depois receberem os premios de grandes seguros que préviamente tinham feito.—(R.).

Parlamento pelo telefone

Nos Deputados

A questão dos mutilados da guerra—As palavras do sr. Ministro da Guerra

Cá por S. Bento, onde á hora do meu telefonema a assistencia não é grande, mas já chega para o comentario acre e incisivo sobre os factos mais palpitantes, domina a certeza de que o governo sairá mal ferido da questão dos mutilados da grande guerra.

Pode mesmo dizer-se que as declarações ontem feitas pelo sr. Alvaro de Castro, em resposta aos srs. Manuel Fragoso e Pais Rovisco, não satisfizeram mesmo nada a Camara, desagradando especialmente aos liberais, democraticos e populares, muito embora estes dois ultimos grupos parlamentares tenham representação no gabinete ministerial.

A atitude dos oficiais da policia

Ainda a proposito do empolgante caso dos estropiados da guerra, afirmava-se hoje nos Passos Perdidos que o gesto dos oficiais da policia civica srs. capitão Tribolet e alferes Boavida não ficará isolado. Segundo se diz, num tom de grande segurança, outros oficiais agraciados por serviços em campanha oferecerão as suas condecorações para serem vendidas, revertendo o produto em favor dos briosos militares atingidos pela já celebre ordem n.º 103.

A lei da amnistia do sr. Orlando Marçal

Parece que entrará hoje em discussão o projecto de lei do sr. Orlando Marçal pondo ao abrigo da lei da amnistia todos os crimes comuns quando se verifique que eles tiveram origem politica.

Vai ser o bom e o bonito, ao que se afiança.

A presidencia da Camara dos Deputados

Em virtude do sr. Abilio Marçal se ter ausentado por alguns dias dos trabalhos da Camara para ir a sua casa, de Sernache do Bomjardim, deve presidir á sessão de hoje o sr. Jorge Nunes. Na falta deste, presidirá o sr. Vasco de Vasconcelos, e se ainda este senhor não comparecer ocupará a presidencia o deputado de mais idade ou aquele que, por recusa do ultimo, fôr indicado pelos legisladores presentes á hora de se iniciarem os trabalhos, para os quais deve haver dificuldade, por terem ido bastantes deputados a Coimbra assistir á comemoração do 4.º centenario de Fernão de Magalhães.

Ordem do dia

Na ordem do dia não figura nada de novo, nem de grande interesse. Qualquer assunto importante que porventura se ventile será tratado em negocio urgente.

No Senado

O governo e os mutilados de guerra —O sr. dr. Jacinto Nunes triplica uma frase

Ha pouca animação ás 14 horas. Duas duzias de senadores conversam, estando reunidos aos grupos. No nucleo onde se encontrava os srs. dr. Jacinto Nunes e conego Dias de Andrade aprecia-se a situação dos mutilados da guerra.

A fugir, o venerando republicano sr. dr. Jacinto Nunes, diz-nos que a forma como o governo procedeu para com aqueles que ficaram inutilizados em pról da honra da Patria e da Republica, se resume nisto:

—Barbaridade! Barbaridade!! Barbaridade!!!

Prossegue em discussão o projecto de lei sobre liberdade do comercio

Na *ordem do dia* deve continuar a discussão do projecto de lei, vindo da outra Camara e cuja apreciação foi ontem urgentemente requerida pelo senador sr. Cristovam Moniz e sobre o qual já se pronunciaram os srs. Celestino de Almeida, Jacinto Nunes, Oliveira Santos, Constancio de Oliveira, Alvares Cabral e Lima Alves.

O projecto,que tem de sofrer varias alterações, é concebido nos seguintes termos:

«Artigo 1.º O § 2.º do artigo 2.º do decreto de 23 de maio de 1911 é substituido pelo seguinte:

«§ 2.º A redução a dinheiro das pensões em generos, não avaliadas no titulo de emprazamento, será feita pela média que resultar da tarifa camararia dos ultimos cinco anos».

Art. 2.º O fôro em generos, que não tenha sido pago no prazo do vencimento, será satisfeito, quando exigido, judicialmente, em dinheiro pelo preço da estiva camararia do ano do vencimento, como juros desde a mora.

Art. 3.º O disposto nesta lei aplica-se a todos os processos pendentes desde 1918.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario.»

Se este diploma fôr votado na especialidade, seguir-se-ha o debate sobre o projecto regulando a situação dos oficiais milicianos.

Na tabela estão, ainda, designados para se apreciarem, hoje, as leis—alterando o artigo 3.º da lei n.º 1040; *Referendum* ás juntas e camaras municipais; colocação de militares em serviços civis; tratando da situação militar de designados oficiais da marinha mercante; sobre a promoção ao posto de general; regulando a situação militar dos equiparados do C. E. P.

O Congresso Agricola em Coimbra

E' aprovado a resolução de se negociar um acordo sobre os nossos vinhos

COIMBRA, 27 (Pelo telefone)—O Congresso dos Sindicatos Agricolas iniciou os seus trabalhos ás 12,45, sob a presidencia dos srs. drs. Julio Henriques e Julio Baptista, assistindo o sr. dr. Domingos Pereira, ministro dos negocios estrangeiros.

Não puderam comparecer os srs. conde d'Azevedo e D. Luís de Castro.

Foi aprovada a resolução de negociar um acordo com o Brasil tendente a reprimir a falsificação dos vinhos portugueses. Foi resolvido tambem que as adegas regionais estabeleçam relações directas com os mercados brasileiros.

Ao sr. Presidente da Republica foi enviado um telegrama de saudações.

Bento Carqueja diz que é necessario desenvolver a agricultura como unica forma de fazer ressurgir Portugal economicamente.

O ministro dos negocios estrangeiros, que representa o sr. dr. Bernardino Machado, informa que o governo concedeu dois mil escudos para custear as despesas do Congresso.

No congresso estão representados 50 mil socios dos sindicatos agricolas.

O sr. dr. José Dias Ferreira iniciou a defeza da tese «Tabelamento dos generos», e disse que o Parlamento era o maior inimigo do consumidor.

Defende a absoluta liberdade de comercio.

DA ARCADA

Foram aprovados os projectos apresentados pelo governador civil de Braga, da estrada de ligação da freguezia de Riba Ave com a estrada nacional n.º 13 e apresentada pela Camara Municipal de Viana do Castelo, para estabelecer diversos arruamentos na praia de Cabedelo, margem esquerda do rio Lima, para a construção d'um bairro de casas economicas.

Campanhas de Angola e Moçambique

As recompensas militares

O capitão-tenente sr. Souza Coutinho vai deixar o cargo de vogal da comissão encarregada de rever o decreto de concessões de recompensas a militares que tomaram parte nas campanhas de Angola Moçambique.

Os herois do "conto do vigario"

A policia prendeu um individuo chamado Carlos Rodrigues de Carvalho, rua Castelo Picão, 21, 3.º, que por artes do «conto do vigario» conseguiu apanhar o melhor de 400 escudos a um lapuz de nome Francisco Antonio Sardoal, que se encontra de passagem em Lisboa.

—No governo civil esteve a queixar-se, tambem, de ter sido burlado com a quantia de 300 escudos, um pobre camponio, natural de Borba, Alentejo, a quem os vigaristas, topando-o na rua, propuseram a troca daquela quantia por um tesouro, que não era senão o «Paco» do costume.

Todos os burlados pelos vigaristas se sentem bastante comprometidos ao queixarem-se á policia e é para não sofrerem os apertos do interrogatorio dos agentes que muitos deles nem sequer pensam em queixar-se, por temerem a cadeia ainda por cima.

Portugal Exportadora, Limitada

Para os devidos efeitos se publica que por escritura de 8 de Abril corrente, lavrada nas notas do notario desta comarca, bacharel Evaristo Luis das Neves Ferreira de Carvalho, entre Adolpho Hüpfer, Aristides Vaz de Albuquerque e Dr. Henrique Carlos Rodrigues, foi constituida, sob a denominação acima indicada, uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, que se regerá pelas clausulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º—A sociedade adopta o denominação de Portugal Exportadora, Limitada, para todos os seus actos e contractos.

2.º—A séde social é em Lisboa, e escritorio no Largo do Directorio, n.º 4, 3.º andar, podendo estabelecer sucursais onde e quando lhe convier.

3.º—O seu objecto é o exercicio do comercio de comissões, consignações, representações, conta propria, importações s exportações.

4.º—A sociedade durará por tempo indeterminado, contando-se o seu inicio, para todos os efeitos legais, desde a data da presente escritura.

5.º—O capital social é de 30.000$00, subscritos pelos socios, cada um com uma cota de 10.000$00.

§ unico. Por conta da sua cota já cada um dos socios entrou com 20 por cento, e os 80 por cento restantes entrarão á medida que as necessidades da caixa o exijam, conforme e quando a gerencia o indicar.

6.º—As cotas poderão ser livremente cedidas entre os socios, mas o socio que quiser ceder a sua cota a estranhos terá de a oferecer préviamente, em carta registada, á sociedade, que terá o direito de adquirir pelo valor que lhe haja sido atribuido no ultimo balanço geral aprovado, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva.

§ unico. Se a sociedade declarar que não deseja a cota oferecida, ou não responder, tambem por meio de carta registada, com aviso de recepção, dentro do prazo de quinze dias, a contar do recebimento da oferta, poderá a mesma cota ser livremente cedida.

7.º—Não serão exigiveis prestações suplementares, mas qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que esta necessitar, os quais vencerão o juro de 6 por cento ao ano.

8.º—A administração de todos os negocios da sociedade e a sua representação em juizo e fora dele serão exercidas pelo socio Adolpho Hüpfer, que fica nomeado gerente, com dispensa de caução, o qual será o unico que poderá usar a denominação social, mas só em assuntos que directamente se prendam com o giro da sociedade e nunca em actos a ela estranhos, sob pena de perdimento, em proveito da sociedade, de todos os lucros que lhe competirem, além de outra responsabilidade individual em que possa incorrer, pelos prejuizos que daí advierem á sociedade.

9.º—Os seus balanços serão dados em 31 de Dezembro de cada ano, devendo estar concluidos e assinados no livro proprio até fim de Fevereiro do ano seguinte.

10.º—Os seus lucros, depois de retirados para o fundo de reserva legal, sempre que ele esteja incompleto, pelo menos 5 por cento, serão divididos em quatro partes, sendo 25 por cento para cada socio e os restantes 25 por cento terão a aplicação que os socios resolverem dar-lhe. As perdas, se as houver, dividir-se-hão pelos socios em proporção das suas cotas.

11.º—As suas deliberações deverão sempre constar das actas das reuniões em que pelos socios sejam tomadas, ou constar de escritos que pelos socios sejam assinados; as reuniões dos socios poderão realisar-se independentemente de formalidades de convocação; o socio ausente ou impedido poderá sempre fazer-se representar por qualquer pessoa a quem para isso confira poderes especiais em carta, ou simples documento escrito e assinado por seu punho, podendo tambem por documento feito nestas condições exprimir o seu voto ou deliberação.

12.º—A sua dissolução dar-se-há por qualquer dos motivos legais e por acordo dos socios e a sua liquidação será feita como os socios, seus herdeiros ou representantes convierem e seja de direito.

13.º—Os seus casos omissos reger-se-hão pelas disposições aplicaveis da lei de 11 de Abril de 1901 e das demais leis em vigor.

Lisboa, 15 de Abril de 1921.—O Ajudante do Notario, *José Ferreira Alves*.